CONTRA ERRORES GRAECORUM

- PARTE I
  - PRÓLOGO
  - CAPÍTULO 1: Como o Filho é entendido como relacionado ao Pai como algo causado à sua causa
  - CAPÍTULO 2: Como o Filho deve ser entendido como o segundo depois do Pai e o Espírito Santo como o terceiro.
  - CAPÍTULO 3: Como o Espírito Santo deve ser entendido como terceira luz
  - CAPÍTULO 4: Como a essência deve ser entendida como gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo
  - CAPÍTULO 5: Como Jesus deve ser entendido como Filho da essência paterna
  - CAPÍTULO 6: Como as propriedades do Pai devem ser entendidas como próprias do Filho
  - CAPÍTULO 7: Como o Pai deve ser entendido como não necessitando nem do Filho nem do Espírito Santo para sua perfeição
  - CAPÍTULO 8: Como o Espírito Santo deve ser entendido como não gerado
  - CAPÍTULO 9: Como o Espírito Santo deve ser entendido como o meio entre Pai e Filho
  - CAPÍTULO 10: Como o Espírito Santo deve ser entendido como a imagem do Filho
  - CAPÍTULO 11: Como o Espírito Santo deve ser entendido no Pai como à sua imagem
  - CAPÍTULO 12: Como o Espírito Santo deve ser entendido como a palavra do Filho

- CAPÍTULO 13: Como pelo nome de Cristo deve ser entendido como o Espírito Santo
- CAPÍTULO 14: Como deve ser entendida a afirmação de que o Espírito Santo não envia o Filho
- CAPÍTULO 15: Como deve ser entendida a afirmação de que o Espírito Santo realmente opera através do Filho
- CAPÍTULO 16: Como Deus deve ser entendido como não habitando nos homens antes da encarnação de Cristo.
- CAPÍTULO 17: Como a essência divina deve ser entendida como concebida e nascida
- CAPÍTULO 18: Como a afirmação de que a divindade foi feita deve ser entendida
- CAPÍTULO 19: Como o Filho de Deus deve ser entendido como tendo assumido uma natureza humana em sua essência
- CAPÍTULO 20: Como deve ser entendida a afirmação de que um homem foi assumido
- CAPÍTULO 21: Como a afirmação "Deus fez o homem-Deus" deve ser entendida
- CAPÍTULO 22: Como a semelhança do primeiro pai deve ser entendida como apagada em Cristo
- CAPÍTULO 23: Como deve ser entendida a afirmação: a criatura não pode cooperar com o Criador
- CAPÍTULO 24: Como deve ser entendida a afirmação de que a criatura não pertence ao Criador
- CAPÍTULO 25: Como deve ser entendida nossa afirmação de que os anjos, por natureza, não são classificados em segundo e terceiro lugar
- CAPÍTULO 26: Como deve ser entendida a afirmação de que até mesmo os serafins aprendem com Paulo como professor
- CAPÍTULO 27: Como deve ser entendida a afirmação de que o sopro da vida que Deus soprou no rosto do homem não é a alma racional, mas o derramamento do Espírito Santo
- CAPÍTULO 28: Como entender a impossibilidade de não blasfemar para alguém que já blasfemou
- CAPÍTULO 29: Como entender a afirmação de que a fé não pode ser pregada

- CAPÍTULO 30: Como deve ser entendida a afirmação de que a fé não nos é ministrada por anjos
- CAPÍTULO 31: Como deve ser entendida a afirmação de que até mesmo o Novo Testamento é uma carta mortífera
- CAPÍTULO 32: Como a única definição do Concílio de Nicéia deve ser entendida como a única e verdadeira posse dos fiéis

- PARTE II
  - PRÓLOGO
  - CAPÍTULO 1: Que o Espírito Santo é o Espírito do Filho
  - CAPÍTULO 2: Que o Filho envia o Espírito Santo
  - CAPÍTULO 3: Que o Espírito Santo recebe daquilo que é do Filho
  - CAPÍTULO 4: Que o Filho opera através do Espírito Santo
  - CAPÍTULO 5: Que o Espírito Santo é a imagem do Filho
  - CAPÍTULO 6: Que ele é o caráter do Filho
  - CAPÍTULO 7: Que ele também é o selo do Filho
  - CAPÍTULO 8: Que o Espírito Santo vem do Pai por meio do Filho
  - CAPÍTULO 9: Que o Espírito Santo vem do Filho
  - CAPÍTULO 10: Que ele procede conjuntamente do Pai e do Filho
  - CAPÍTULO 11: Que ele é de ambos desde a eternidade
  - CAPÍTULO 12: Que o Espírito Santo é uma pessoa entre pessoas
  - CAPÍTULO 13: Que ele é também da essência do Pai e do Filho
  - CAPÍTULO 14: Que ele também é naturalmente do Filho
  - CAPÍTULO 15: Que o Filho também aspira o Espírito Santo
  - CAPÍTULO 16: Que o Filho aspira a partir de uma propriedade pessoal
  - CAPÍTULO 17: Que pelos mesmos motivos ele é aspirado pelo Pai e pelo Filho
  - CAPÍTULO 18: Que ele é aspirado pelo Filho eternamente
  - CAPÍTULO 19: Que o Espírito Santo é aspirado da essência do Filho
  - CAPÍTULO 20: Que o Espírito Santo emana do Filho
  - CAPÍTULO 21: Que o Espírito Santo flui do Filho e isto desde a eternidade
  - CAPÍTULO 22: Que o Filho também origina o Espírito Santo
  - CAPÍTULO 23: Que o Filho é o autor do Espírito Santo
  - CAPÍTULO 24: Que o Filho também é princípio do Espírito Santo
  - CAPÍTULO 25: Que o Filho também é fonte do Espírito Santo

- CAPÍTULO 26: A conclusão geral: que o Espírito procede do Filho
- CAPÍTULO 27: Que na pessoa divina fluir e proceder são o mesmo
- CAPÍTULO 28: Que para demonstrar a processão do Espírito Santo os Doutores Gregos e Latinos usam os mesmos argumentos
- CAPÍTULO 29: Que o Espírito Santo se distingue do Filho por ser dele
- CAPÍTULO 30: Que a distinção de pessoas deve ser de acordo com alguma ordem da natureza
- CAPÍTULO 31: Crer que o Espírito Santo vem do Filho é necessário para a salvação
- CAPÍTULO 32: Que o Pontífice Romano é o primeiro e o maior entre todos os bispos
- CAPÍTULO 33: Que o mesmo Pontífice tem jurisdição universal sobre toda a Igreja de Cristo
- CAPÍTULO 34: Que o mesmo possui na Igreja uma plenitude do poder
- CAPÍTULO 35: Que ele goza do mesmo poder conferido a Pedro por Cristo
- CAPÍTULO 36: Que a ele pertence o direito de decidir o que diz respeito à fé
- CAPÍTULO 37: Que ele é o superior dos outros patriarcas
- CAPÍTULO 38: Que estar sujeito ao Pontífice Romano é necessário para a salvação
- CAPÍTULO 39: Contra a posição daqueles que negam que o Sacramento possa ser confeccionado com pão ázimo sem fermento
- CAPÍTULO 40: Que existe um purgatório onde as almas são purificadas de pecados não purificados na vida presente
- EPÍLOGO

PARTE I

PARTE I

PRÓLOGO

O livro, Santíssimo Pai, Papa Urbano, o qual Vossa Excelência chamou a minha atenção [o *Libellus de fide SS. Trinitatis* de Nicolau de Durazzo, Bispo de Cotrone] eu estudei cuidadosamente e encontrei expresso nele muitas coisas úteis para a afirmação da nossa fé. Acredito, no entanto, que sua fertilidade para muitas pessoas poderia ser consideravelmente diminuída por causa de algumas declarações perplexas contidas em textos dos Santos Padres, e assim poderia proporcionar aos briguentos material e ocasião para calúnia. E assim, após eliminar toda ambiguidade das autoridades encontradas no livro acima mencionado para que o fruto mais puro da fé possa ser colhido, eu me propus primeiro a explicar o que parece perplexo nas autoridades acima mencionadas, e depois mostrar como, por meio delas, a verdade da fé católica pode ser ensinada e defendida.

Existem, em minha opinião, duas razões pelas quais algumas declarações dos antigos Padres gregos parecem duvidosas para os nossos contemporâneos. Primeiramente, porque uma vez que surgiram erros em relação à fé, os Santos Doutores da Igreja passaram a ser mais cautelosos na maneira como expunham pontos de fé, a fim de excluir esses erros. É claro, por exemplo, que os Doutores que viveram antes do erro de Ário não falavam tão expressamente sobre a unidade da essência divina como os Doutores que vieram depois. E o mesmo aconteceu em relação a outros erros. Isso é bastante evidente não apenas em relação aos Doutores em geral, mas em relação a um Doutor particularmente distinto, Agostinho. Pois nos livros que ele publicou após o surgimento da heresia pelagiana, ele falou com mais cautela sobre a liberdade da vontade humana do que havia feito em seus livros publicados antes do surgimento da referida heresia. Nestes trabalhos anteriores, enquanto defendia a vontade contra os maniqueus, ele fez certas declarações que os pelagianos, que rejeitavam a graça divina, usaram em apoio ao seu erro. Portanto, não é surpresa se, após o surgimento de vários erros, os professores contemporâneos da fé falem com mais cautela e seletividade para evitar qualquer tipo de heresia. Logo, se forem encontrados alguns pontos nas declarações dos Padres antigos que não são expressos com a cautela que os modernos consideram apropriada para observar, suas declarações não devem ser ridicularizadas ou rejeitadas; por outro lado, também não devem ser exageradas, mas interpretadas com reverência.

“Segundo, porque muitas coisas que soam bem em grego talvez não soem bem em latim. Assim, latinos e gregos professando a mesma fé o fazem usando palavras diferentes. Pois, entre os gregos, é dito corretamente e de maneira católica, que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três *hipóstases*. Mas para os latinos não soa bem dizer que há três *substâncias,* embora, numa base puramente verbal, o termo hipóstase em grego signifique o mesmo que o termo *substância* em latim. O fato é que, *substância* em latim é mais frequentemente usado para significar essência. E tanto nós quanto os gregos sustentamos que em Deus há apenas uma essência. Portanto, onde os gregos falam de três *hipóstases,* nós, latinos, falamos de três pessoas, como Agostinho no sétimo livro sobre a Trindade também ensina. E, sem dúvida, há muitos casos semelhantes.

Portanto, é tarefa do bom tradutor, ao traduzir material relacionado à fé católica, preservar o significado, mas adaptar o modo de expressão para que esteja em harmonia com o idioma para o qual está traduzindo. Pois, obviamente, quando algo dito de forma literária em latim é explicado na linguagem comum, a explicação será inadequada se for simplesmente palavra por palavra. Ainda mais, quando algo expresso em um idioma é traduzido meramente palavra por palavra para outro, não será surpresa se ocorrer perplexidade quanto ao significado do original.

PARTE I

CAPÍTULO 1: Como o Filho é entendido como relacionado ao Pai como algo causado à sua causa

A dúvida pode perturbar algumas pessoas ao descobrirem que em muitas passagens dessas autoridades o Pai é dito ser a causa do Filho, e o Pai e o Filho a causa do Espírito Santo. E isso ocorre primeiro nas palavras que se relata que Atanásio pronunciou no Concílio de Niceia: “O que o Filho tem do Pai, ele tem uma palavra do coração, como o brilho do sol, um riacho de sua fonte, ou um efeito de sua causa. Quem insulta ou nega o que é causado, certamente também nega sua causa. O Filho gerado que é causado diz: Aquele que me rejeita, rejeita aquele que me enviou” (Lc. 10:16). Em outro lugar, Atanásio diz: “O Espírito não é não originado, isto é, sem qualquer princípio ou causa, mas sim mostra-se ser verdadeiro Deus, originado, no entanto, não no tempo, mas da causa de verdadeira origem.” E Basílio diz: “O Espírito Santo, enviado pelo próprio Deus, tem uma causa.” E Teodoreto comentando sobre a Epístola aos Hebreus diz: “A causa do Filho é o Pai.”

Entre os latinos, no entanto, o Pai não é geralmente chamado de causa do Filho ou do Espírito Santo, mas apenas de seu princípio ou origem, por três razões.

Primeira, porque o Pai não pode ser entendido como uma causa do Filho na maneira de uma causa formal, material ou final, mas apenas como uma causa originária, isto é, uma causa eficiente. Mas descobrimos que uma causa eficiente é sempre diversa em essência daquela de que é causa. Portanto, para excluir a noção de que o Filho tem uma essência diversa da do Pai, não costumamos falar do Pai como causa do Filho, mas preferimos usar palavras que conotam origem juntamente com consubstancialidade, como fonte, cabeça e semelhantes.

Segunda, porque para nós causa e efeito são termos correlativos. Daí não dizemos que o Pai causa, para que alguém não tome isso como significando que o Filho foi feito. E mesmo entre os filósofos Deus é chamado de causa primeira; tudo o que é causado está incluído por eles no universo das criaturas. E assim, se pudesse ser dito que o Filho tem uma causa, ele poderia ser entendido como estando incluído no universo dos seres causados ou das criaturas.

Terceira, porque ao falar de Deus o homem não deve se afastar levianamente do modo escritural. A Sagrada Escritura, no entanto, chama o Pai de princípio (ou origem) do Verbo, como está claro

em João 1:1. “No princípio era o Verbo.” Em nenhum lugar diz que o Pai é uma causa ou que o Filho é causado. Portanto, como causa diz mais do que princípio, não presumimos dizer que o Pai é uma causa ou que o Filho é causado.

Nenhuma palavra, no entanto, que conote origem é mais adequadamente usada ao falar de Deus do que esta palavra princípio. Porque o que está em Deus é incompreensível e não pode ser definido por nós, ao falar de Deus usamos mais adequadamente termos gerais do que termos próprios: daí seu nome mais próprio é dito ser “Aquele que É”, que é como um termo mais geral, como é evidente em Êxodo 3:14. E como causa é mais geral do que elemento, assim princípio é mais geral do que causa. Portanto, ao falar de Deus usamos muito apropriadamente o termo princípio.

Isto não deve ser interpretado, no entanto, como se os santos mencionados que usaram termos como causa e causado quisessem implicar que as pessoas divinas não tinham a mesma natureza, ou que o Filho era uma criatura. Eles desejavam indicar apenas a origem das pessoas, como fazemos quando usamos o termo princípio. Daí Gregório de Nissa afirma: “Quando dizemos causa e causado, não queremos dizer com esses termos naturezas. Pois não empregamos esses termos como substitutos de essência ou natureza; ao contrário, ilustramos como precisamente Pai e Filho diferem, a saber, mostramos como o Filho não é gerado de ninguém.” Da mesma forma, Basílio diz: “Porque não gerado, o Espírito Santo, eu digo, não tem Pai; nem é uma criatura, porque não é criado, mas tem Deus como sua causa; Deus de quem ele é verdadeiramente o espírito, e de quem ele procede.”

CAPÍTULO 2: Como o Filho deve ser entendido como o segundo depois do Pai e o Espírito Santo como o terceiro.

Nas autoridades mencionadas acima, são encontrados trechos onde se diz que o Filho é o segundo em ordem a partir do Pai e o Espírito Santo o terceiro em ordem a partir do mesmo. Pois no discurso a Serapião, Atanásio diz: “O Espírito Santo é terceiro em ordem a partir do Pai, mas o Filho é o segundo.” Da mesma forma, Basílio diz: “Em dignidade e ordem, o Espírito é segundo a partir do Filho.”

Essas declarações podem parecer falsas para uma pessoa. Pois, como Agostinho diz, a única ordem existente entre as pessoas divinas é uma ordem, não de prioridade, pela qual uma vem antes da outra, mas de origem, pela qual uma é a partir da outra. Pois não há modo de prioridade em virtude do qual o Pai poderia ser dito ser anterior ao Filho. Pois o Pai não é anterior no tempo, já que o Filho é eterno; nem anterior na natureza, já que a mesma natureza pertence ao Pai e ao Filho; nem anterior em dignidade, já que Pai e Filho são iguais; nem mesmo anterior no entendimento, pois são distinguidos apenas por relações, e entidades relativas são entendidas simultaneamente, pois cada uma pertence ao entendimento da outra. E assim, é claro que propriamente falando, o Filho não pode ser dito ser segundo em ordem a partir do Pai e o Espírito Santo terceiro em ordem a partir do Pai.

Os Doutores mencionados acima, portanto, chamam o Filho de segundo e o Espírito Santo de terceiro de acordo com sua ordem numérica. Isso é claro a partir do próprio Basílio, que diz: “Recebemos o Espírito Santo do Pai e do Filho como o terceiro numerado e conglorificado, o Espírito do próprio Filho de Deus, que ao instituir a ordem do batismo salvífico disse: ‘Indo, batizai todos os homens em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’.” E Epifânio diz: “O Espírito de Deus que é do Pai e do Filho é nomeado como terceiro.”

Mas quando Basílio afirma que o Espírito é segundo a partir do Filho em dignidade, ele parece estar mais seriamente enganado, porque parece postular graus de dignidade na Trindade, enquanto todas as três pessoas são iguais em dignidade. Esta declaração, no entanto, pode ser explicada como referindo-se, não à dignidade natural, mas à dignidade pessoal em Deus, assim como dizemos que “uma pessoa é uma hipóstase em virtude de uma propriedade distinta que implica dignidade.” Hilário adota essa maneira de falar quando diz que o Pai é maior que o Filho por razão de autoridade de origem. Mas por razão da unidade na substância, o Filho não é, portanto, inferior ao Pai.

CAPÍTULO 3: Como o Espírito Santo deve ser entendido como terceira luz

Ainda mais caluniosa parece a inferência a ser tirada de um texto do bispo cipriota São Epifânio: “O Espírito Santo é o espírito da verdade, uma luz em terceiro lugar depois do Pai e do Filho.” Agora, onde há unidade, não há ordem de primeiro e terceiro. Mas Pai, Filho e Espírito Santo são uma luz, assim como são um Deus. Portanto, assim como os católicos não podem dizer que o Espírito Santo é um terceiro Deus distinto do Pai e do Filho, também não podem dizer que ele é uma terceira luz.

Ele é dito, no entanto, ser a terceira pessoa por causa da pluralidade de pessoas. Do fato, então, de ele falar de uma terceira luz, segue-se que há três luzes. Isto Epifânio expressamente afirma em uma passagem subsequente: “Todas as outras coisas são chamadas de luzes por razão de posição ou composição ou denominação, não sendo, no entanto, semelhantes a estas três luzes.”

Por outro lado, pode-se dizer em explicação que uma luz implica uma certa origem; pois a luz é o que se difunde de alguma fonte e por si mesma também pode difundir mais luz. Dessa forma, a palavra luz pode ser estendida para conotar propriedades pessoais em virtude da propriedade difusiva da luz, embora a luz por natureza pertença propriamente ao reino da essência. Observando isso, o referido Padre falou de uma terceira luz e três luzes em Deus. Mas essa afirmação não deve ser levada longe demais. Em vez disso, Pai, Filho e Espírito Santo devem simplesmente ser confessados como uma luz.

CAPÍTULO 4: Como a essência deve ser entendida como gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo

Entre os ditos dos Pais mencionados acima encontra-se a afirmação de que a essência é gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo. Pois Atanásio, em seu terceiro discurso sobre os Atos do Concílio de Niceia, falando na pessoa do Filho, diz: “Distribuo aos homens o teu Espírito juntamente com a essência divina gerada de ti.” E um pouco mais adiante: “Da tua essência que geraste em mim, eu dou o Espírito Santo a eles.” O mesmo Pai escreve em sua carta a Serapião: “O próprio Pai, mantendo em si mesmo sua essência de forma inefável, a gerou toda e inteira em seu Filho.” E novamente: “Assim como o Pai tem vida em si mesmo, ou seja, uma natureza vivificante, assim ele deu ao Filho ter vida em si mesmo, ou seja, ele gerou no Filho a mesma natureza que aspira um Espírito vivente.” Posteriormente, ele diz do Pai e do Filho “que a divindade é naturalmente uma que aspira um Espírito Santo.” Desses trechos, conclui-se que no Filho a natureza divina aspira o Espírito Santo.

Cirilo, em seu *Tesouro* contra os hereges, afirma: “O poder, incriado e gerado no Filho, pertence ao Filho segundo toda a modalidade da natureza do Filho.” E novamente: “O Pai dá vida ao Filho, ou seja, ele gerou sua vida natural no Filho.” E Basílio diz: “O próprio Filho que o Pai nos dá é Deus em essência gerado de Deus, tendo em si a totalidade da essência do Pai como gerado.” Atanásio igualmente afirma em sua carta a Serapião que a essência divina no Espírito Santo é aspirada. Ele diz: “O Espírito Santo é a verdadeira e natural imagem do Filho em virtude da essência totalmente aspirada nele pelo mesmo.”

Essa maneira de falar, no entanto, é altamente enganosa, e no Concílio [Quarto] de Latrão o ensino de Joaquim, que presumiu defendê-lo contra Mestre Pedro Lombardo, foi condenado. Na 5ª distinção do seu Primeiro Livro das *Sentenças* o mencionado Mestre Pedro mostra que a essência comum não gera, não é gerada e não procede; isso porque em Deus há um elemento comum indistinto e um que é distinto e não comum. Portanto, aquilo que é o fundamento da distinção em Deus não pode ser atribuído ao que é comum e indistinto, mas apenas ao que é distinto. Não há, no entanto, outro fundamento de distinção em Deus senão este: que uma pessoa gera, outra é gerada e outra procede. Portanto, gerar ou ser gerado ou proceder não pode ser atribuído à essência divina, que é comum e indistinta nas três pessoas. O que é distinto em Deus, no entanto,

é a pessoa ou hipóstase ou suposto da natureza divina, ou seja, o que possui a natureza divina. Assim, esses termos que significam ou podem representar uma pessoa recebem a predicação apropriada de geração ou de processão. Assim, esses termos: Pai, Filho e Espírito Santo, conotam pessoas específicas, enquanto este termo: pessoa, ou hipóstase, conota-os genericamente. Assim, é próprio dizer que o Pai gera o Filho, e que o Filho é gerado do Pai e que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, e também que uma pessoa gera ou aspira uma pessoa, ou é gerada ou aspirada por uma pessoa.

O termo Deus, no entanto, porque significa a essência divina como existente concretamente—pois significa alguém que possui divindade—pode, portanto, por causa de seu modo de significar, representar uma pessoa e assim as seguintes formas de falar são corretamente permitidas: Deus gera Deus; Deus é gerado ou procede de Deus.

Mas os termos essência e divindade e qualquer outro que conote abstratamente não podem, por razão de seu modo de significar, significar ou representar uma pessoa. E assim, as propriedades pessoais não podem ser corretamente predicadas da essência ou da divindade, por exemplo, a essência gera ou é gerada. Alguns desses termos, no entanto, estão mais intimamente ligados ao pessoal, na medida em que significam princípios de atos próprios das pessoas, e.g., luz, sabedoria, bondade e semelhantes. Assim, é menos inadequado predicar propriedades pessoais de tais, por exemplo, o Filho é luz de luz ou sabedoria de sabedoria. Mas a frase: essência de essência, implica maior dificuldade.

Embora o modo de significar seja diverso no caso dos termos Deus e divindade, a realidade a que se referem é absolutamente a mesma. E, portanto, assim como por razão dessa realidade idêntica um é predicado do outro, como quando Deus é chamado a divindade, ou uma pessoa divina ou o Pai a essência divina, também de vez em quando os santos usaram os termos de forma intercambiável, afirmando, por exemplo, que a essência divina gera porque o Pai que é a essência divina gera, ou que a essência é da essência porque o Filho que é a essência é do Pai que é a mesma essência divina. Cirilo, em seu *Tesouro*, diz: “O Pai, vivendo de si mesmo por sua própria vida e verdadeiramente existindo por sua própria essência, ao gerar o Filho como de uma raiz verdadeira, dá-lhe naturalmente sua própria vida e essência naturais.” Portanto, quando se afirma que o Pai gera sua própria natureza no Filho, isso deve ser interpretado como significando que pela geração ele dá sua própria natureza ao Filho, como no texto de Cirilo citado acima.

CAPÍTULO 5: Como Jesus deve ser entendido como Filho da essência paterna

A partir disso, fica claro como deve ser interpretado o que no mesmo trabalho Cirilo é levado a dizer: “Como, então, será Jesus, o Filho, um produto da essência do Pai?” Pois ele não é chamado Filho da essência do Pai como se fosse gerado pela essência do Pai, mas como se recebesse pela geração a essência do Pai. E é assim que todas as declarações semelhantes devem ser interpretadas, como, por exemplo, o Filho e o Espírito Santo são ditos procederem pela essência na medida em que, ao proceder, recebem a essência do Pai.

CAPÍTULO 6: Como as propriedades do Pai devem ser entendidas como próprias do Filho

Outra declaração de Cirilo no mesmo *Thesaurus* poderia ser considerada duvidosa. “Tudo o que é por natureza próprio do Pai é também próprio do Filho.” Pois isso poderia referir-se aos atributos essenciais, que não são próprios nem do Pai nem do Filho, mas são comuns a ambos; ou poderia referir-se aos atributos pessoais, e assim aqueles que são próprios do Pai não são próprios do Filho, como por exemplo a inascibilidade e a paternidade pertencem apenas ao Pai e de modo algum ao Filho.

É claro, no entanto, por suas afirmações anteriores que ele está falando de atributos essenciais. Pois ele toma como premissa que: “Tudo o que por natureza pertence ao Pai pertence também ao Filho,” tais como vida, verdade, luz e semelhantes. Estes são ditos, no entanto, serem próprios do Pai não em relação ao Filho, e próprios do Filho não em relação ao Pai, mas a ambos em relação às criaturas, às quais em contraste com Deus os mencionados não pertencem propriamente. Ou podem ser ditos próprios de cada pessoa, não como pertencentes exclusivamente a ela, mas como pertencentes a ela em si mesma.

CAPÍTULO 7: Como o Pai deve ser entendido como não necessitando nem do Filho nem do Espírito Santo para sua perfeição

Uma dificuldade adicional surge de uma passagem de Atanásio em sua carta a Serapião, a saber, que o Pai “existindo plena e perfeitamente como Deus em si mesmo e por si mesmo, sem necessidade de ninguém, não precisa nem do Filho nem do Espírito Santo”. Que o Pai não tem necessidade de nada é indiscutível; da mesma forma, nem o Filho nem o Espírito Santo carecem de nada. Estar em necessidade, no sentido próprio do termo, é carecer de algo que pertence à perfeição de alguém; e estar em necessidade nesse sentido não pode ser dito do Pai, nem do Filho, nem do Espírito Santo.

No entanto, o Pai não poderia ser perfeito a menos que tivesse um Filho, porque o Pai não existiria sem o Filho nem Deus seria perfeito, a menos que tivesse uma Palavra e a menos que tivesse o sopro da vida, como o mesmo Atanásio diz em seu terceiro discurso sobre os Atos do Concílio de Niceia. Falando dos arianos que negavam que o Filho e o Espírito Santo são consubstanciais com o Pai, ele diz: “Eles descrevem como estéril e infrutífera a natureza do Pai que deu a cada coisa sua natureza íntima capaz de se propagar. E eles fazem do Pai mudo e sem palavra, embora ele tenha dado a todas as criaturas racionais a faculdade de falar. Eles descrevem o Pai como morto e o privam de uma natureza viva,” na medida em que negam que o Espírito Santo é coessencial com o Pai. A partir disso, é claro que o Pai não seria Deus perfeito se não tivesse o Filho e o Espírito Santo. O mesmo Atanásio afirma em sua carta a Serapião que “o Pai não poderia criar a criatura exceto através de sua Palavra e não poderia comunicar-se através das criaturas que deveriam ser divinizadas exceto através da Palavra. E da mesma forma, nem o Filho poderia fazer isso exceto no Espírito Santo.”

É, portanto, comum ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo que nenhum deles esteja em necessidade. Da mesma forma, é comum a cada um deles que nenhum possa ser Deus perfeito sem os outros dois. Mas por essa razão, Atanásio diz especificamente do Pai que ele não precisa do Filho ou do

Espírito Santo porque ele não tem sua perfeição de outro, enquanto o Filho e o Espírito Santo têm sua perfeição do Pai. Assim, o mesmo Atanásio em sua carta a Serapião diz: “Nem por causa do Filho, nem por causa do Espírito Santo, o Pai existe como Deus perfeito e bem-aventurado. Nem ele tem qualquer fonte antes dele de quem ele seja, nem qualquer depois dele de quem derive qualquer coisa, ou seja, que seria do Filho ou do Espírito Santo.”

CAPÍTULO 8: Como o Espírito Santo deve ser entendido como não gerado

Também parece duvidoso um texto de Gregório Nazianzeno em seu sermão sobre a Epifania: “O Espírito Santo, como ele existe em Deus, procede de tal forma que ele é não gerado e não o Filho, um intermediário entre o não gerado e o gerado.” Agora, não parece que o Espírito Santo possa ser dito como não gerado. Pois Hilário em seu livro sobre os Sínodos afirma que se alguém diz que há dois não gerados, ele afirma que há dois deuses. Da mesma forma, Atanásio diz em sua carta a Serapião que “o Espírito Santo não é não gerado, porque a Igreja Católica reunida em Niceia atribuiu correta e fielmente ao Pai sozinho a propriedade de ser sem origem e não gerado, e ordenou que isso fosse acreditado apenas do Pai e pregado ao mundo inteiro sob pena de anátema.”

Deve-se notar, no entanto, que não gerado pode ser tomado em dois sentidos. Em um sentido, conota aquele que é sem princípio, e nesse sentido aplica-se apenas ao Pai, como está claro nas palavras de Atanásio. No outro sentido, significa aquele que, embora tenha um princípio, não é gerado; e nesse sentido, não apenas Gregório Nazianzeno na passagem citada acima, mas também Jerônimo em suas regras para definições contra hereges diz que o Espírito Santo é não gerado.

CAPÍTULO 9: Como o Espírito Santo deve ser entendido como o meio entre Pai e Filho

Há outra dúvida na passagem de Gregório citada acima (capítulo 8) onde ele diz que “o Espírito Santo é um meio entre o não gerado e o gerado,” ou seja, entre Pai e Filho, enquanto ele deveria ser chamado de terceiro ou terceira pessoa na Trindade, como notado anteriormente (capítulo 2).

Mas é de se observar que ele não é chamado de meio devido à numeração correspondente à ordem de origem. Pois nesta ordem o Filho é um meio entre Pai e Espírito Santo. Mas o Espírito Santo é dito ser um meio no sentido de um elo comum entre Pai e Filho, pois ele é o amor comum do Pai e do Filho. Uma interpretação semelhante deve ser dada à afirmação de Epifânio em seu livro sobre a Trindade de que “o Espírito Santo está no meio do Pai e do Filho.”

PARTE I

CAPÍTULO 10: Como o Espírito Santo deve ser entendido como a imagem do Filho

Da mesma forma, em muitas passagens desses autores, o Espírito Santo é dito ser a imagem do Filho, como Atanásio diz em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Niceia: “O Espírito Santo é dito ser e é a verdade deificadora e vivificadora do Pai e do Filho, a imagem do Filho, sustentando-o em essência em si mesmo, por natureza representando-o, assim como o Filho é a imagem do Pai.” E em sua carta a Serapião: “O Espírito Santo naturalmente contém o Filho dentro de si como sua verdadeira e natural imagem.” E Basílio: “O Espírito Santo é chamado de dedo, sopro, unção, brisa, mente de Cristo, processão, produção, missão, emanação, efusão, calor, esplendor, imagem, marca, verdadeiro Deus.” E em outro lugar: “O Espírito Santo existe como verdadeira potência emanando do Pai e do Filho e como a imagem natural do Pai e do Filho, representando naturalmente ambos para nós.”

Entre os latinos, no entanto, o Espírito Santo não é normalmente chamado de imagem do Pai ou do Filho. Pois Agostinho, no sexto capítulo sobre a Trindade, diz que “somente o Filho é chamado de Verbo”, e que “somente o Filho é a imagem do Pai, assim como só ele é Filho.” Ricardo de São Vítor, em seu livro sobre a Trindade também dá uma razão pela qual o Espírito Santo, embora semelhante ao Pai em natureza, assim como o Filho, não é um com ele em qualquer propriedade relativa, como o Filho é com o Pai ao espirar ativamente o Espírito Santo.

Alguns, no entanto, atribuem como razão pela qual o Espírito Santo não pode ser chamado de imagem o fato de que isso o tornaria a imagem de duas pessoas, ou seja, do Pai e do Filho, uma vez que ele procede de ambos. Mas ser a única imagem de duas pessoas é impossível. E também pela autoridade das Escrituras Sagradas, que é proibido contradizer ao tratar de Deus, o Filho é explicitamente chamado de imagem do Pai. Pois a Epístola aos Colossenses (1:13) diz: “Ele nos transferiu para o reino de seu Filho amado, em quem temos redenção, o perdão dos pecados: ele é a imagem do Deus invisível”, e na Epístola aos Hebreus (1:3) é afirmado do Filho: “Ele reflete a glória de Deus e carrega o próprio selo de sua natureza.”

Deve-se lembrar, no entanto, que os santos gregos oferecem dois textos das Escrituras Sagradas como prova de que o Espírito Santo é a imagem do Filho. Pois a Epístola aos Romanos (8:29)

afirma: “Aqueles que ele conheceu de antemão, ele também predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho.”; e a imagem do Filho parece ser ninguém menos que o Espírito Santo. Segundo, a Primeira Epístola aos Coríntios (15:49) diz: “Assim como trouxemos a imagem do terreno, devemos também trazer a semelhança do celestial”, isto é, de Cristo.

Por essa imagem, eles entendem o Espírito Santo, embora nessas passagens o Espírito Santo não seja expressamente chamado de imagem. Pode-se também interpretar que os homens são conformados à imagem do Filho, ou que eles trazem a imagem de Cristo, na medida em que esses homens santos são, por dons de graça, aperfeiçoados para serem semelhantes a Cristo, como o Apóstolo diz em 2 Coríntios 3:18: “Mas todos nós, com faces descobertas, refletindo como em um espelho a glória do Senhor, estamos sendo transformados na própria imagem dele de glória em glória, como pelo Espírito do Senhor.” Pois ele não afirma aqui que a imagem é o Espírito de Cristo, mas algo do Espírito de Cristo existente em nós.

Mas porque seria presunçoso contradizer os textos explícitos de tão grandes Doutores. Podemos dizer que o Espírito Santo é a imagem do Pai e do Filho, desde que a imagem seja entendida como derivada de outro e portadora de sua semelhança. Se, no entanto, imagem for entendida como algo que deriva seu ser de outro e, por razão dessa origem, portando a semelhança daquele de quem tem o ser na medida em que é daquele outro, como um Filho gerado ou um Verbo concebido, então o termo aplica-se somente ao Filho. Pois é distintivo de um filho possuir a mesma natureza que seu pai, qualquer que seja a natureza envolvida. Da mesma forma, é distintivo de um verbo se assemelhar àquilo que é expresso pelo verbo, qualquer que seja o verbo. Mas não é próprio da natureza de um espírito ou de um amor ser a semelhança em todas as coisas daquele a quem pertence. Tal semelhança, no entanto, é de fato verificada no Espírito de Deus por causa daquela unidade e simplicidade da essência divina, de onde o que quer que esteja em Deus deve ser Deus.

Nem o fato de que o Espírito Santo não compartilha com o Pai alguma propriedade pessoal é uma razão para recusar falar dele como uma imagem. Pois a semelhança e a igualdade das pessoas divinas não se baseiam no que é próprio a cada uma, mas nos atributos essenciais. Nem deve a desigualdade ou a dessemelhança ser atribuída a Deus com base em diferentes propriedades pessoais, como diz Agostinho em seu livro contra Máximo. Pois quando se diz que o Filho é gerado do Pai, “não se indica desigualdade de substância, mas ordem de natureza.” Da mesma forma, também, não surge dificuldade do fato de que o Espírito Santo é de duas pessoas; pois ele é de dois na medida em que são um, já que Pai e Filho são o único princípio do Espírito Santo.

CAPÍTULO 11: Como o Espírito Santo deve ser entendido no Pai como à sua imagem

Uma dificuldade ainda maior surge do que Atanásio diz em sua carta a Serapião: “O Filho está em seu Pai como em sua própria imagem.” Na verdade, o Pai não é a imagem do Filho, mas é o Filho que é a imagem do Pai.

Mas deve-se observar que aqui imagem é usada impropriamente no sentido de exemplar; pois assim é às vezes usada menos corretamente.

CAPÍTULO 12: Como o Espírito Santo deve ser entendido como a palavra do Filho

O que Basílio diz no terceiro discurso sobre o Espírito Santo contra Eunômio parece ser falso: “Como o Filho está relacionado ao Pai, assim o Espírito Santo está relacionado ao Filho. E é por isso que o Filho é a Palavra do Pai, e o Espírito Santo é a Palavra do Filho: sustentando o universo, diz o Apóstolo (Heb. 1:3), pela palavra do seu poder.” Pois, como Agostinho diz no livro sobre a Trindade, apenas o Filho é a Palavra. É por isso que João também chama o Filho de Palavra. Pois, no início de seu Evangelho, ele diz: “No princípio era a Palavra” (Jo 1:1). Ele também afirma em sua primeira Epístola (5:7): “Há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo.” Não faz diferença se alguém traduz: Eloquência, em vez de Palavra. Pois aquilo que se pronuncia é sua palavra. Portanto, assim como o Filho é a única Palavra na Divindade, ele também é a única Eloquência.

Mas deve-se notar que às vezes por palavra de Deus entende-se um discurso divinamente inspirado e proferido. É assim que Basílio entende o termo quando diz que o Espírito Santo é efetivamente a palavra ou eloquência do Filho, na medida em que os santos inspirados pelo Espírito Santo falaram do Filho de acordo com o que é dito no Evangelho de João sobre o Espírito Santo (16:13): “O que ele ouvir, ele falará.” Que esta é a mente de Basílio fica claro pelo que ele acrescenta mais tarde: “Dele vem a eloquência do Filho para Deus.” Pois a própria palavra de fé proferida pelos santos é obviamente chamada de espada do Espírito.

CAPÍTULO 13: Como pelo nome de Cristo deve ser entendido como o Espírito Santo

Parece duvidoso o trecho de Cirilo em seu *Tesouro* onde ele diz que, às vezes, pelo título Cristo se entende o Espírito Santo. Ele afirma: “O Apóstolo pelo nome de Cristo chama o Espírito Santo de Cristo; pois ele diz: Cristo está em vós, embora vossos corpos estejam mortos, etc. (Rom. 8:10), e um pouco mais adiante: “O Espírito Santo, operando em nome de Cristo e representando Cristo em si mesmo, é dito receber o nome de Cristo e ser chamado de Cristo pelo Apóstolo.”

Atribuir, no entanto, o nome de uma pessoa a outra parece incompatível com a distinção entre as pessoas. Pois, assim como o Pai nunca é chamado de Filho, e vice-versa, assim o Filho nunca é chamado de Espírito Santo, e vice-versa. Portanto, o termo Cristo nunca pode ser predicado do Espírito Santo; nem pode representar o Espírito Santo.

Mas deve-se observar que este Pai não diz que o Espírito é chamado de Cristo ou recebe o nome de Cristo, como se Cristo fosse predicado do Espírito Santo ou vice-versa, pois isso lembraria o ímpio Sabelianismo; mas o Espírito Santo é entendido como incluído no termo Cristo por razão de concomitância, assim como onde quer que o Pai esteja presente, lá está o Filho. Portanto, o mesmo Pai interpõe: “O pregador da verdade”, ou seja, o Apóstolo, “negou a distinção de pessoas, como fez Sabélio? Não. Ao contrário, ele se esforçou para mostrar à Igreja que o Espírito Santo tem a mesma natureza que o Filho.”

CAPÍTULO 14: Como deve ser entendida a afirmação de que o Espírito Santo não envia o Filho

Igualmente perplexo é um teste de Atanásio em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Nicéia. Falando dos arianos, ele diz: “O Espírito não, como essas pessoas distantes da graça do Evangelho e privadas de Deus, o Espírito afirma, gratifica o Filho e o envia. Eles baseiam sua opinião em dois textos; E agora o Senhor e o seu Espírito me enviaram; e: O Espírito do Senhor está sobre mim.” Agora, isso parece contradizer o que Agostinho diz em seu livro sobre a Trindade que o Filho foi enviado pelo Espírito Santo, provando isso pelas próprias autoridades citadas. Além disso, ele prova que Cristo foi enviado não apenas pelo Espírito Santo, mas também por si mesmo, porque foi enviado por toda a Trindade.

Mas é de observar que, na missão de uma pessoa divina, podem ser considerados dois aspectos: primeiro, a autoridade da pessoa que envia em relação à pessoa enviada; e segundo, o efeito na criatura para o qual se diz que a pessoa divina é enviada. Pois, uma vez que as pessoas divinas estão em toda parte por essência, presença e poder, diz-se que uma pessoa divina é enviada na medida em que de alguma forma nova, através de algum novo efeito, ela começa a estar presente em uma criatura. Assim, o Filho é dito ser enviado ao mundo na medida em que ele começa a estar no mundo de uma nova maneira através da carne visível que ele assumiu, como o Apóstolo diz em Gálatas (4:4): “Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a lei.” Ele também é dito ser enviado espiritualmente e invisivelmente a alguém na medida em que começa a habitar nele através do dom da sabedoria. É sobre isso que o Livro da Sabedoria fala: “Envia-a, ou seja, a sabedoria, do trono da tua glória para que ela esteja comigo e trabalhe comigo” (9:10). Da mesma forma, o Espírito Santo também é dito ser enviado a alguém na medida em que começa a habitar nele através do dom da caridade, de acordo com Romanos (5:5): “O amor de Deus foi derramado em nossos corações através do Espírito Santo que nos foi dado.”

Se, portanto, na missão de uma pessoa divina for considerada a autoridade da pessoa que envia em relação à pessoa enviada, somente aquela pessoa da qual outra procede pode enviar a outra. Assim, o Pai envia o Filho, e o Filho envia o Espírito Santo, mas não o Espírito Santo o Filho; e é nesse sentido que Atanásio fala. Mas, se na missão de uma pessoa divina for considerado o efeito para o qual a pessoa é dita ser enviada, então pode-se dizer que a pessoa é enviada por toda a

Trindade, já que o efeito é comum a toda a Trindade. (Pois toda a Trindade produziu a carne de Cristo e produz sabedoria e caridade nos santos). Desta forma, Agostinho entende a questão.

Deve-se ter em mente, no entanto, que embora de acordo com Agostinho uma pessoa divina possa às vezes ser dita ser enviada por uma pessoa da qual ela não procede, não se pode dizer de uma pessoa que não procede de outra que ela é enviada. Agora, uma vez que o Pai é de ninguém, ele não pode ser enviado, embora ele habite no homem pelo novo dom da graça e possa ser dito vir a ele, de acordo com João (14:23): “Meu Pai o amará e viremos a ele e faremos nele nossa morada.” Portanto, para que uma pessoa seja enviada é necessário que ela proceda eternamente de outra pessoa; mas não é necessário que ela proceda eternamente daquela pessoa por quem ela é enviada. É suficiente que o efeito pelo qual ela é enviada proceda daquela pessoa. Digo isso de acordo com a maneira como Agostinho fala de missão.

Mas de acordo com os gregos, uma pessoa não é enviada exceto por aquela pessoa de quem ela procede eternamente; daí que o Filho não é enviado pelo Espírito Santo exceto talvez na medida em que ele é homem. Por essa razão, Basílio explica as autoridades acima mencionadas no sentido de que por Espírito se entende o Pai na medida em que Espírito conota a essência divina, como no Evangelho de João (4:24): “Deus é espírito”; e assim Hilário explica isso em seu livro sobre a Trindade.

CAPÍTULO 15: Como deve ser entendida a afirmação de que o Espírito Santo realmente opera através do Filho

Outra dúvida surge de uma passagem de Basílio em seu livro contra Eunômio: “O Espírito Santo realmente opera através do Filho.” Isso, de fato, parece ser falso; pois uma pessoa divina é dita operar através da pessoa que procede dela, como o Pai é dito operar através do Filho, e não vice-versa.

Ao contrário, o Espírito Santo deve ser dito operar através do Filho de acordo com sua natureza humana, não de acordo com sua natureza divina.

CAPÍTULO 16: Como Deus deve ser entendido como não habitando nos homens antes da encarnação de Cristo.

Outra declaração que provoca dúvidas é de Atanásio para Serapião: “De acordo com a eleição antecipada do conselho divino, era impossível que a Igreja do Senhor recebesse diretamente uma forma invisível, incorpórea e sem vestes, mas o Senhor fez-se da mesma substância com a Igreja ao assumir sua forma para si mesmo.” Isso parece implicar que antes da encarnação de Cristo Deus não habitava no homem pela graça. Certos hereges afirmaram presunçosamente isso ao comentar o Evangelho de João (7:39): “Ainda não havia sido dado o Espírito, porque Jesus ainda não havia sido glorificado.”

Ambos os textos devem ser interpretados da mesma forma. Pois, assim como se diz que o Espírito Santo não foi dado anteriormente porque ainda não havia sido dado com a mesma plenitude que quando foi recebido pelos Apóstolos após a ressurreição de Cristo, assim a Igreja não foi capaz de receber o dom da graça com a mesma plenitude que, de acordo com a ordem divina, recebeu através da encarnação de Cristo, uma vez que a graça e a verdade, como João diz (1:17), vieram por meio de Jesus Cristo. Portanto, em seu discurso sobre o Concílio de Nicéia, Atanásio diz: “É realmente impossível que eles sejam consumados e perfeitos a menos que eu assuma um homem perfeito.” Isso deve ser entendido no sentido acima.

Lá, no entanto, foi adicionada a qualificação “de acordo com a eleição divina antecipada”, porque, embora fosse possível para Deus, por seu poder absoluto, conferir a perfeição da graça à raça humana de uma maneira diferente da encarnação de Cristo, não era possível, dada a ordem divina, que a raça humana adquirisse essa plenitude de graça de outra maneira.

CAPÍTULO 17: Como a essência divina deve ser entendida como concebida e nascida

Da mesma forma, são perturbadoras estas palavras de Atanásio em sua carta a Serapião: “A essência divina incriada foi concebida e nascida da Virgem Maria.” Agora, o Mestre diz em seu terceiro livro das *Sentenças*, dist. VIII, que o que não é gerado do Pai não é propriamente dito nascer da Mãe, para que alguma realidade, da qual o termo filiação não é predicado na ordem divina, não tenha tal predicação na ordem humana. Portanto, uma vez que a essência divina não é nascida do Pai, também não pode ser dita nascer da Mãe.

Mas é de se notar que, assim como a essência divina é dita de maneira imprópria gerar ou ser gerada por uma geração eterna na medida em que a essência representa a pessoa e, assim, é entendida como gerando, porque o Pai, que é a essência, gera, assim da mesma forma a essência divina é dita nascer da Virgem, porque o Filho de Deus, que é a essência divina, nasceu da Virgem.

CAPÍTULO 18: Como a afirmação de que a divindade foi feita deve ser entendida

Também surge dúvida de outra passagem de Atanásio na mesma carta: “A divindade feita homem conformou a Igreja a si mesma através de seu Espírito.” Agora, o Mestre na quinta distinção do terceiro livro das Sentenças afirma que não se deve dizer que a natureza divina se tornou carne, como é dito: O Verbo se fez carne. Pois a afirmação: O Verbo se fez carne, é feita porque o Verbo se fez homem. Portanto, não se deve dizer que a essência divina ou a divindade se fez homem.

Mas é de se observar que a divindade não é dita ter-se feito homem porque a natureza divina foi mudada em natureza humana, mas foi feita homem no sentido de que a natureza divina é dita ter assumido uma natureza humana na única pessoa, ou seja, do Verbo. Assim também diz o Damasceno que: “a natureza da divindade em uma de suas pessoas se encarnou,” ou seja, unida à carne.

Deve-se reconhecer, no entanto, que é em uma base diferente que o Verbo é dito ser homem e a divindade é dita ser homem. Pois quando se diz: O Verbo é homem, a predicação envolvida é via informação, porque a pessoa do Verbo subsiste em uma natureza humana. Mas, quando se diz: a divindade é homem, a predicação não é via informação, porque a natureza humana não informa a divina. Em vez disso, a predicação é via identidade, como quando se diz: a essência divina é o Pai, ou: a essência divina é o Filho; pois o homem representa a pessoa do Verbo quando se diz: a divindade é homem. E o mesmo é verdade quando se diz: a divindade se fez homem, porque a pessoa do Filho começou a se encarnar, um fato implícito pelo termo homem, mesmo que a pessoa do Filho não tenha começado a existir. Pois a divindade sempre foi Filho, mas não sempre homem.

CAPÍTULO 19: Como o Filho de Deus deve ser entendido como tendo assumido uma natureza humana em sua essência

Outra dúvida ocorre quando Atanásio diz do Filho de Deus em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Niceia: “Em sua *ousia*, isto é, essência, ele assumiu de nós nossa natureza humana.” Como a assunção se encerra na união, e a união não se deu na natureza, mas na pessoa, parece, portanto, que a natureza humana não foi assumida na essência do Filho.

No entanto, essa maneira de falar deve ser descrita como imprecisa, e deve ser interpretada assim: Ele assumiu nossa natureza em sua essência de tal forma, a saber, que ela é unida em sua essência na unidade da pessoa.

CAPÍTULO 20: Como deve ser entendida a afirmação de que um homem foi assumido

Da mesma forma, é intrigante no mesmo discurso de Atanásio a afirmação de que o homem é assumido. Falando na pessoa do Filho, ele diz: “Tendo assumido o homem em sua totalidade, eu dei o Espírito Santo plena e perfeitamente aos homens.” E em sua carta a Serapião, ele afirma: “A unidade da Igreja é do Pai através do Filho no Espírito Santo, por meio do homem deificado e deificante, assumido pelo mesmo Filho.”

Deve-se notar, porém, que, como ninguém assume a si mesmo, aquele que assume deve ser distinto do que é assumido, o receptor do que é recebido. Se, portanto, o homem é dito ser assumido pelo Filho de Deus, o que é conotado pelo termo homem deve ser diverso do que é conotado no termo Filho de Deus. Pelo termo homem, entretanto, pode-se conotar ou uma pessoa humana completa, ou menos: um supósito humano que não goza de personalidade humana. Se, portanto, for dito que um homem é assumido, onde homem conota uma pessoa humana, seguirá que uma pessoa divina assumiu uma pessoa humana, e assim haverá duas pessoas em Cristo, o que é a heresia nestoriana. Agostinho, portanto, diz em seu livro *De fide ad Petrum* que “Deus, o Verbo, não tomou para si a pessoa de um homem, mas a natureza.”

Alguns, querendo evitar esse erro, disseram que, quando se diz que um homem é assumido pelo Verbo, pelo termo homem entende-se um supósito da natureza humana, a saber, este homem, mas não uma pessoa humana, porque ele não existe separadamente por si mesmo, mas está unido a alguém de maior dignidade, a saber, o Filho de Deus. E porque esse supósito humano, que é designado como assumido quando a frase: homem assumido, é usada, é distinto do supósito que é o Filho de Deus, eles afirmam que há dois supósitos em Cristo, mas não duas pessoas.

Mas, nessa visão, segue-se que essa proposição: o Filho de Deus é homem, não seria verdadeira. Pois é impossível que de duas coisas diferentes uma da outra como dois supósitos uma pudesse ser verdadeiramente predicada da outra. E, portanto, é comumente sustentado que há apenas um supósito conotado pelo termo homem e pelo termo Filho de Deus. Disso segue-se que a afirmação: o homem é assumido, é falsa ou imprecisa. Deve-se interpretar no sentido de: o Filho de Deus assumiu o homem, isto é, a natureza humana.

CAPÍTULO 21: Como a afirmação "Deus fez o homem-Deus" deve ser entendida

Outra dúvida surge a partir do que Atanásio diz na mesma carta: “O Filho de Deus, assumindo o homem em sua própria hipóstase para que pudesse conduzir o homem de volta a si, fez dele Deus, deificando-o.” E em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Nicéia: “É impossível que eles sejam consumados a menos que eu assuma um homem perfeito e o deifique e o faça Deus comigo.” Com isso, é implícito que a proposição: o homem tornou-se Deus, é verdadeira.

Deve-se notar que as proposições: Deus se fez homem, e o homem se fez Deus, são igualmente verdadeiras de acordo com a opinião que afirma haver dois supósitos em Cristo, pois quando se diz: Deus se fez homem, desse ponto de vista, é que um supósito da natureza divina foi unido ao supósito da natureza humana: e, inversamente, quando se diz que o homem se fez Deus, o sentido é que um supósito da natureza humana foi unido ao Filho de Deus.

Mas se for mantido que em Cristo há apenas um supósito, então a afirmação: Deus se fez homem, é verdadeira no sentido próprio, porque aquele que era Deus desde a eternidade começou a ser homem no tempo. Falando propriamente, no entanto, esta proposição não é verdadeira: o homem se fez Deus, porque o supósito eterno conotado pelo termo homem sempre foi Deus. Portanto, as passagens de Atanásio devem ser explicadas assim: o homem se fez Deus, ou seja, passou a ser que o homem é Deus.

CAPÍTULO 22: Como a semelhança do primeiro pai deve ser entendida como apagada em Cristo

Também é duvidoso o que Atanásio na carta acima mencionada diz falando na pessoa de Cristo após a ressurreição: “Apagando em mim a semelhança com o primeiro pai, destruindo-a na vitória da cruz, sendo agora imortal faço de vocês os filhos adotivos do Pai.”

Agora, deve-se observar que uma pessoa pode possuir uma semelhança com o primeiro pai de três maneiras. Primeiro, em termos de semelhança na natureza, como em Gênesis (5:3): Quando Adão tinha cento e trinta anos, gerou um filho à sua semelhança. Segundo, em termos de pecado, como em 1 Cor. 15: Assim como trouxemos a imagem do homem terreno, também traremos a imagem do homem celestial. Terceiro, em termos de punição, como em Zacarias (13:5): Sou um lavrador, pois Adão tem sido meu modelo desde a juventude. Cristo assumiu a primeira semelhança com Adão ao assumir nossa natureza e nunca a deixou de lado; a segunda semelhança ele nunca teve; e a terceira ele assumiu, mas a deixou de lado na ressurreição, e é dessa terceira semelhança que Atanásio fala.

CAPÍTULO 23: Como deve ser entendida a afirmação: a criatura não pode cooperar com o Criador

Também é perplexo o que Atanásio diz em seu discurso sobre o Concílio de Niceia: “Ou deixem-nos dizer como a criatura coopera com o Criador.” Isso implica que a criatura não pode cooperar com o Criador. Isso parece falso, uma vez que os santos são chamados pelo Apóstolo de ajudantes e colaboradores de Deus.” (1 Cor. 3:9)

Deve-se ter em mente, no entanto, que algo é dito cooperar com outro de duas maneiras. Primeiro, porque trabalha em direção ao mesmo efeito, mas por um poder diferente, como um servo coopera com seu senhor, ou um instrumento com o artesão por quem é movido. Segundo, algo é dito cooperar com outro na medida em que realiza conjuntamente com o outro a mesma operação, como quando dois homens carregam uma única carga ou arrastam um barco.

Uma criatura, portanto, pode cooperar da primeira maneira com o Criador em relação aos efeitos que acontecem através da criatura, mas não em relação aos efeitos que são imediatamente de Deus, como a criação e a santificação. No entanto, uma criatura não coopera da segunda maneira com o Criador; apenas as três pessoas da Trindade cooperam dessa forma, pois a operação delas é única: não, entretanto, como se cada uma possuísse uma parte do poder pelo qual a operação é realizada, como é o caso de muitos homens arrastando um barco, pois assim o poder de cada um seria imperfeito; mas no sentido de que todo o poder suficiente para o efeito está em cada uma das três Pessoas.

CAPÍTULO 24: Como deve ser entendida a afirmação de que a criatura não pertence ao Criador

Também é duvidoso o que Basílio diz em seu livro contra Ário: “A criatura não pertence ao Criador.” Isso contradiz o que é dito em João (1:11): Ele veio para o que era seu.

Mas Gregório resolve essa dúvida em uma de suas homilias quando diz que a criatura pertence ao Criador em relação ao seu poder, mas é estrangeira a ele em relação à sua natureza, ou seja, existe de uma natureza diferente da de Deus.

CAPÍTULO 25: Como deve ser entendida nossa afirmação de que os anjos, por natureza, não são classificados em segundo e terceiro lugar

Outra dúvida decorre do que Basílio diz em seu livro contra Eunômio: “Dizemos que entre os anjos há uma hierarquia, um sendo príncipe e outro sujeito, mas não os classificamos como segundo ou terceiro por natureza.” Isso parece implicar que todos os anjos foram criados iguais por Deus, como Orígenes sustentava. Nós afirmamos, no entanto, que, assim como eles diferem nos dons de graça, também diferem nos atributos naturais.

A afirmação de Basílio sobre os anjos não serem classificados em segundo e terceiro por natureza, não deve, portanto, ser interpretada como significando que um é naturalmente mais perfeito que o outro, mas que todos compartilham uma natureza genericamente, embora não especificamente.

CAPÍTULO 26: Como deve ser entendida a afirmação de que até mesmo os serafins aprendem com Paulo como professor

Também é perplexo o que Cirilo diz em seu *Tesouro*, que “não só a razão humana é instruída por Paulo como professor, mas os mistérios ocultos do coração do Pai são revelados somente aos Serafins.” Isso parece significar que até mesmo para os anjos mais altos, o conhecimento vem dos homens. E a base para isso parece ser Efésios (3:8): A mim, o menor de todos os santos, me foi concedida esta graça, de anunciar aos pagãos as insondáveis riquezas de Cristo, para que, através da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida pelos principados e potestades nos lugares celestiais.

Mas Dionísio ensina o contrário no capítulo quatro da *Hierarquia Angelical*, onde ele mostra que o conhecimento das coisas divinas é recebido pelos anjos antes dos homens; e no capítulo sete do mesmo livro, ele diz que os Serafins são ensinados imediatamente por Deus. E Agostinho diz em seu comentário literal sobre Gênesis que “o mistério do Reino dos céus não estava oculto para os anjos, o mistério revelado a seu tempo para nossa salvação.”

E assim deve ser observado que, uma vez que os eventos futuros são conhecidos somente por Deus e não pelos anjos, embora, como Agostinho diz, os anjos conhecessem o mistério da nossa redenção desde o começo, eles não conheciam, portanto, algumas circunstâncias dessa redenção enquanto elas ainda estavam no futuro. Mas uma vez que essas circunstâncias se concretizaram, eles passaram a conhecê-las como conhecem outras coisas que realmente ocorrem. Assim, os mistérios divinos não devem ser entendidos como sendo revelados aos Serafins mais altos por Paulo no ato de ensinar, como se eles tivessem aprendido com Paulo, mas sim que, através da pregação de Paulo e dos outros apóstolos, foram realizados aqueles eventos que os anjos vieram a conhecer como realidade presente, mas que haviam permanecido desconhecidos para eles enquanto ainda estavam no futuro. E é isso que significam as palavras de Jerônimo quando ele diz que “os anjos não tinham um entendimento completo do mistério até que a paixão de Cristo fosse

consumada e a pregação dos Apóstolos se estendesse aos gentios.”

CAPÍTULO 27: Como deve ser entendida a afirmação de que o sopro da vida que Deus soprou no rosto do homem não é a alma racional, mas o derramamento do Espírito Santo

Outra dúvida surge da declaração de Cirilo de que “quando em Gênesis 1 Deus é dito ter soprado o sopro de vida no rosto do homem para que o homem se tornasse um ser vivente, não chamamos esse sopro de vida de alma. Pois se fosse a alma, a alma seria inalterável e não pecaria, porque seria da essência divina; antes, Moisés disse que o derramamento do Espírito Santo foi sobreposto à alma humana.

Isso é contrário à explicação de Agostinho que afirma que por esse sopro se entende a alma humana, e que mostra como, a partir disso, não se segue que ela seja da substância divina: pois é uma forma figurativa de falar, significando não que o Espírito Santo soprou como um corpo, mas apenas que ele fez o espírito, isto é, a alma, do nada. E mais, parece contrariar as declarações do Apóstolo que diz em 1 Coríntios 15 (45): “O primeiro Adão se tornou um ser vivente; o último Adão se tornou um espírito vivificante. Mas não é o espiritual que é primeiro, mas o físico, e depois o espiritual”. Aqui, a vida da alma é expressamente declarada como diferente da vida que vem através do Espírito Santo. Assim, aquele sopro pelo qual o homem se tornou um ser vivente não pode ser entendido como a graça do Espírito Santo.

Portanto, a explicação de Cirilo não pode ser descrita como literal, mas apenas alegórica.

CAPÍTULO 28: Como entender a impossibilidade de não blasfemar para alguém que já blasfemou

Surge outra dúvida a partir da declaração de Atanásio na carta a Serápion de que era impossível “para os arianos que haviam blasfemado não apenas uma vez, mas muitas vezes, não blasfemar.” Isso parece contrariar a liberdade da vontade.

Mas aqui, impossível deve ser entendido como equivalente a difícil, a dificuldade advinda do hábito, como Jeremias (13:23) diz: “Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Então, também vocês podem fazer o bem, que estão acostumados a fazer o mal.”

CAPÍTULO 29: Como entender a afirmação de que a fé não pode ser pregada

Também é duvidosa a afirmação de Crisóstomo em seu sermão sobre a fé de que a fé “não pode ser pregada.”

Mas isso deve ser interpretado da seguinte forma: não pode ser completamente explicado através da pregação.

CAPÍTULO 30: Como deve ser entendida a afirmação de que a fé não nos é ministrada por anjos

Outra dificuldade gira em torno da afirmação de Atanásio de que “a fé não nos é dada nem pelos anjos nem por sinais e maravilhas,” enquanto em Hebreus 2:4 é dito que a fé foi proclamada, Deus dando testemunho por sinais e maravilhas.

Mas nossa fé deve ser entendida como derivando sua autoridade não dos anjos nem de quaisquer milagres realizados, mas da revelação do Pai através do Filho e do Espírito Santo; embora os anjos também tenham revelado alguns aspectos relacionados à nossa fé a certas pessoas, como Zacarias, Maria e José, e muitos milagres também foram realizados para fortalecer a fé.

CAPÍTULO 31: Como deve ser entendida a afirmação de que até mesmo o Novo Testamento é uma carta mortífera

Outra dificuldade surge de um texto de Atanásio na carta a Serápion: “Esta é uma carta mortífera: Desde o princípio e antes de todos os tempos eu fui criado, etc. (Eclesiástico 24:14), e ele adiciona muitas ilustrações do Antigo e do Novo Testamento. No entanto, a carta do Novo Testamento não parece ser mortífera; pois assim não seria diferente da carta do Antigo Testamento, sobre a qual 2 Coríntios 3:6 diz que a carta mata.

Mas uma formulação correta deve dizer que nem a carta do Novo Testamento nem a do Antigo matam, exceto ocasionalmente. A ocasião da morte é tomada por alguns em um duplo sentido. Em um sentido, na medida em que o texto sagrado é ocasião de erro, algo comum tanto à carta do Antigo quanto à do Novo Testamento; daí São Pedro diz em sua segunda carta (3:16) que nas cartas de São Paulo há algumas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis torcem para a própria destruição, por não entenderem as escrituras.

De outra forma, na medida em que os preceitos contidos nas Sagradas Escrituras se tornam ocasião para uma vida ruim, a concupiscência sendo intensificada por sua proibição quando a graça ajudadora não é concedida; e dessa forma a carta do Antigo Testamento é considerada mortífera, mas não a carta do Novo Testamento.

CAPÍTULO 32: Como a única definição do Concílio de Nicéia deve ser entendida como a única e verdadeira posse dos fiéis

Surge dúvida também a partir da mesma carta onde Atanásio afirma que “apenas a definição dos Pais do Conselho de Nicéia, discernida no espírito e não na letra, é a posse única e verdadeira dos ortodoxos.” Alguém poderia interpretar isso como implicando que a definição do referido Conselho tem maior autoridade do que a letra do Antigo Testamento, o que é absolutamente falso.

O texto, no entanto, deve ser lido no sentido de que através do referido Conselho o verdadeiro significado das Sagradas Escrituras é percebido, um significado que apenas os católicos possuem, embora a letra das Sagradas Escrituras seja comum a católicos, hereges e judeus.

PARTE II

PARTE II

PRÓLOGO

Após essas explicações, passamos agora a mostrar como, com base nas autoridades contidas no livro mencionado, a verdadeira fé é ensinada e defendida contra o erro. Deve-se ter em mente que o Filho de Deus apareceu precisamente para destruir as obras do diabo, conforme declarado em 1 João 3:8. Portanto, Ele exerceu e continua a exercer toda a sua energia na direção oposta para destruir a obra de Cristo. Inicialmente, Ele tentou fazer isso através de tiranos que infligiram a morte corporal aos ministros de Cristo; posteriormente, no entanto, através de hereges, por meio dos quais Ele causou a morte espiritual de muitos. Portanto, ao examinar cuidadosamente, os erros dos hereges parecem tendem principalmente a diminuir a dignidade de Cristo.

De fato, Ário diminuiu a dignidade de Cristo ao destruir a crença de que Ele era o Filho de Deus consubstancial com o Pai e ao afirmar que Ele era uma criatura. Macedônio, ao afirmar que o Espírito Santo é uma criatura, tirou do Filho a honra de espirar uma pessoa divina. Mani diminuiu a dignidade de Cristo quando afirmou que as coisas visíveis foram criadas por um deus maligno, negando assim que todas as coisas foram criadas através do Filho. Da mesma forma, Nestório destruiu o que pertencia a Cristo, pois, ao fazer de uma Pessoa em Cristo o filho do homem e outra o Filho de Deus, ele negou a unidade de Cristo. Da mesma forma, Eutiques, que ao afirmar que na encarnação de Cristo uma natureza foi formada a partir de duas, a saber, a divina e a humana, de fato privou-O de ambas as naturezas; pois o que é um composto de duas coisas não pode verdadeiramente ser dito como sendo nenhuma delas. Pelágio também dissolveu Cristo, pois ao dizer que não precisamos de graça para alcançar a salvação, tornou a vinda de Cristo sem sentido; pois, como declarado em João 1:17: A graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. Joviniano diminuiu a dignidade de Cristo quando disse que os casados eram iguais aos virgens, já que professamos que Cristo nasceu de uma Virgem. Vigilâncio diminuiu a dignidade de Cristo, ao atacar a pobreza abraçada por amor a Cristo, ele falou contra a perfeição que Cristo observou e ensinou. Portanto, é justamente observado em 1 João 4:3: Todo espírito que dissolve Jesus não é de Deus, mas é o Anticristo.

Assim, também, no presente alguns são descritos como dissolvendo Cristo ao diminuir Sua dignidade na medida em que isso está ao seu alcance. Ao dizer que o Espírito Santo não procede do Filho, eles diminuem Sua dignidade, uma vez que Ele, juntamente com o Pai, é o Espirador do Espírito Santo. Além disso, ao negar que há uma cabeça da Igreja, ou seja, a Santa Igreja Romana, eles claramente dissolvem a unidade do Corpo Místico; pois não pode haver um só corpo se não há uma só cabeça, nem uma só congregação se não há um só governante. Daí, João 10:16 diz: Haverá um só rebanho e um só pastor.

Ao negar que o sacramento do altar possa ser consagrado com pão ázimo, eles estão manifestamente em oposição a Cristo, que, como relatam os evangelistas, instituiu este sacramento no primeiro dia dos pães ázimos, quando era contra a lei haver pão fermentado nas casas dos judeus. Sua visão também parece diminuir a pureza do corpo sacramental de Cristo, ao

qual o Apóstolo exorta os fiéis em 1 Coríntios 5:8, dizendo: “Celebremos, portanto, a festa, não com o fermento antigo, o fermento da maldade e da malícia, mas com o pão ázimo da sinceridade e da verdade.” Ao negar o purgatório, eles também diminuem o poder deste sacramento, que é oferecido na Igreja tanto pelos vivos quanto pelos mortos; pois, se o purgatório não existe, não aproveita nada aos mortos; não pode beneficiá-los se estão no inferno, onde não há redenção; nem pode fazer-lhes bem se estão no céu, onde não precisam das nossas orações.

Como esses erros podem ser refutados usando as autoridades já citadas, demonstrarei brevemente, tratando primeiro da procissão do Espírito Santo.

PARTE II

CAPÍTULO 1: Que o Espírito Santo é o Espírito do Filho

O ponto de partida para qualquer demonstração de que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho deve ser o que aqueles que erram também não podem negar, a saber, que o Espírito Santo é o Espírito do Filho, já que isso é expressamente provado pela autoridade das Sagradas Escrituras.

Gálatas 4:6: "Porque vós sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, clamando: Abba, Pai." E Romanos 8:9: "Mas vós não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós; e, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele." Atos 16:7: "E, quando chegaram defronte de Mísia, tentaram ir para a Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu." E 1 Coríntios 2:16: "Porque quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Mas nós temos a mente de Cristo." E do que o Apóstolo diz anteriormente, é claro que isso deve ser entendido como referindo-se ao Espírito Santo.

O Espírito Santo também é chamado de Espírito da verdade, como em João 15:26: Quando vier o Paráclito, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade. Ele também é chamado de Espírito da vida, como em Romanos 8:2: A lei do Espírito da vida em Cristo Jesus. Assim, quando o Filho diz de si mesmo: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14:6), os doutores gregos concluem que este é o Espírito de Cristo. Eles argumentam de maneira semelhante a partir das palavras do Salmo (32:6): Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o seu exército, pelo sopro da sua boca. Pois o Filho também é chamado de boca do Pai assim como de Palavra.

Mas para que ninguém afirme que o Espírito que procede do Pai é diferente do Espírito do Filho, as Escrituras mostram que o mesmo Espírito Santo é do Pai e do Filho. Pois em João 15:11 ele é simultaneamente chamado Espírito da verdade e Espírito que procede do Pai. E em Romanos 8:9, depois de afirmar: Se o Espírito de Deus habita em vós, imediatamente acrescenta: Se alguém não tem o Espírito de Cristo, para indicar que o Espírito do Pai e do Filho é um e o mesmo. Daí Basilio, após citar estas palavras do Apóstolo, refuta Eunômio da seguinte maneira: “Eis que ele, a saber, o Apóstolo, viu no Pai e no Filho o mesmo Espírito tanto do Pai quanto do Filho.” E Teodoreto, explicando a mesma passagem em seu comentário sobre a carta aos Romanos, diz: “O Espírito Santo é comum ao Pai e ao Filho.”

A questão, então, a ser ponderada é como o Espírito Santo é o Espírito do Filho ou o Espírito de Cristo. Pode-se dizer que ele é o Espírito de Cristo na medida em que habitou plenamente no homem Cristo, como em Lucas 4:1: Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão, ou em João 1:16: E todos nós recebemos da sua plenitude. No entanto, essa solução não pode ser defendida quando considerada como a única razão pela qual o Espírito é chamado Espírito de Cristo.

Pois é mostrado pelos doutores gregos que o Espírito Santo é o Espírito natural do Filho. Atanásio diz em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Niceia: “Assim como a nossa natureza vive divinamente em Cristo e Ele reina nela, assim em seu Espírito natural nós somos e vivemos e reinamos.” O mesmo Doutor acrescenta em sua carta a Serápion: “Vocês receberam o Espírito de adoção, isto é, o Espírito natural da natureza do Filho natural.” E Cirilo comenta sobre João: “O Filho de fato existe em seu próprio Gerador, tendo para si o único que o gera; e assim o Espírito do Pai verdadeiramente e naturalmente parece ser e é também o Espírito do Filho.” Mas o Espírito não é naturalmente de Cristo de acordo com sua humanidade, uma vez que ele não pertence ao homem por natureza, mas é derramado gratuitamente por Deus sobre a natureza humana; portanto, o Espírito não pode ser chamado Espírito do Filho apenas porque ele preencheu Cristo *par excellence* de acordo com sua humanidade.

Da mesma forma, Atanásio afirma em um sermão sobre a Encarnação do Verbo que: “O Cristo, enquanto Deus Filho, enviou o Espírito de cima, e como homem, ele recebeu o Espírito na terra. Portanto, dele, e para ele, ele (o Espírito) habita na humanidade do mesmo (Cristo) a partir de sua divindade.” Portanto, o Espírito Santo não é apenas o Espírito de Cristo porque ele preencheu sua humanidade, mas ainda mais porque ele procede de sua divindade.

Pode-se, no entanto, objetar que o Espírito Santo é do Filho de acordo com sua divindade na medida em que é dado e enviado pelo Filho de Deus, mas não como existindo do Filho pessoal e eternamente. Mas isso também não pode se sustentar após análise. Pois Cirilo, comentando sobre João, diz: “O Espírito Santo é propriamente o Espírito de Deus Pai, mas não é menos o Espírito de Deus Filho, não como dois Espíritos distintos.” Ele também diz em sua exortação ao Imperador Teodósio: “Assim como o Espírito Santo pertence ao Pai de quem procede, também verdadeiramente pertence ao seu Filho.” Portanto, se ele é do Pai, não apenas porque é dado e enviado por ele no tempo, mas também porque existe dele eternamente, do mesmo modo ele é o Espírito do Filho como existindo eternamente dele. Cirilo, comentando sobre João, igualmente diz: “O Espírito Santo existe como o mais verdadeiro fruto da essência do próprio Filho.” Portanto, ele é do Filho, por assim dizer, tendo sua essência do Filho.

Portanto, está claro que, uma vez que confessam o Espírito Santo como o Espírito de Cristo, devem também reconhecer que ele é do Filho eternamente.

PARTE II

CAPÍTULO 2: Que o Filho envia o Espírito Santo

Também é evidente pela autoridade das Sagradas Escrituras que o Filho envia o Espírito Santo. Pois em João 15:26 está escrito: Quando vier o Paráclito, que eu vos enviarei, e em João 16:7: Se eu não for, o Paráclito não virá a vós; mas se eu for, eu vo-lo enviarei. Pela autoridade das Escrituras (João 14:16) também é certo que o Pai dá o Espírito Santo: Eu pedirei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito. Mas que o Filho dá o mesmo Espírito Santo é claro em João 20:22, pois lá está dito que, após a ressurreição, o Senhor soprou sobre os discípulos e lhes disse: Recebei o Espírito Santo. Atanásio confessa o mesmo em seu discurso sobre o Concílio de Niceia: “Como serão consumados a menos que eu, a tua Palavra, seja consumado”, isto é, assuma um homem perfeito, “e a humanidade perfeita dentro de mim e lhes conceda o Espírito Santo, meu igual e em todas as coisas meu cooperador?” E o mesmo ponto na carta a Serápion: “Eu creio, ó santo co-sacerdote, que você recebeu este Espírito Santo do Filho.”

O mesmo Atanásio, além disso, na mesma carta diz: “Esta é a ordem da natureza divina do Pai no Filho, que aquele que não é de ninguém não deve ser enviado por ninguém, e aquele que é de outro não deve vir em seu próprio nome, mas em nome de quem dele ele existe. Assim, o Espírito Santo, que não é de si mesmo, não deve vir de si mesmo, mas em nome de quem ele é e de quem deriva seu status hipostático como Deus, razão pela qual o Filho diz dele (João 14:26): O Paráclito, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome.” Do fato de que o Espírito Santo é enviado pelo Filho, segue-se claramente que ele existe eternamente do Filho e deriva dele seu status como Deus.

Nicetas, comentando sobre João, igualmente diz: “O Pai não envia o Espírito Santo em virtude de uma propriedade diferente daquela pela qual o Filho o envia; nem o Filho envia o Espírito Santo em virtude de alguma propriedade pela qual o Pai não o envia.” Daí é claro que o Pai e o Filho enviam o Espírito Santo em virtude da mesma propriedade e com a mesma base. Se, portanto, o Pai envia o Espírito Santo como aquele que existe eternamente dele, da mesma forma o Filho enviará o Espírito Santo como aquele que eternamente existe dele.

Assim também, Atanásio em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, falando na pessoa do Filho, diz: “Assim como me geraste Deus perfeito e me fizeste assumir um homem perfeito, assim de ti mesmo e da minha essência dá-lhes o perfeito Espírito Santo.” E em sua carta a Serápion: “Assim como na natureza do Filho de Deus que ele tomou de nós permanece unida a ele, assim também ele permanece em nós através de seu próprio Espírito coessencial com ele, que em virtude de sua essência ele espira de sua essência e nos dá.” E em seu sermão sobre a Encarnação do Verbo ele diz: “O Espírito Santo é dado aos discípulos a partir da plenitude da divindade.” Da mesma forma, Nicetas comentando sobre João diz: “Assim como o Pai, o Filho dá o Espírito de si mesmo.”

De tudo isso se conclui que o Espírito é dito ser dado ou enviado pelo Filho, não apenas na medida em que o dom da graça pelo qual o Espírito Santo habita em nós vem do Filho, mas na medida em que o Espírito Santo é do Filho. Pois é impossível que o dom da graça, sendo algo criado, seja da essência do Filho. Mas o Espírito Santo é coessencial com o Filho. Portanto, ele pode ser dado ou enviado a partir da essência do Filho.

Além disso, nada além do que pertence a alguém pode ser dado por outro. O Espírito Santo, portanto, é dado por aquele a quem ele pertence, como diz 1 João 4:3: "Nisto conhecemos que permanecemos nele e ele em nós, porque nos deu do seu próprio Espírito.” Se, portanto, o Filho envia ou dá o Espírito Santo, o Espírito deve ser dele. Do fato de ser seu Espírito, segue-se que o Espírito é dele eternamente, como foi mostrado. Deste fato, de que o Filho envia ou dá o Espírito Santo, segue-se que o Espírito também existe dele eternamente.

PARTE II

CAPÍTULO 3: Que o Espírito Santo recebe daquilo que é do Filho

Além disso, com base na autoridade das Escrituras Sagradas, é provado que o Espírito Santo recebe do que é do Filho. Pois em João 16:14, está dito: "Ele me glorificará, porque tomará do que é meu e vos anunciará."

Alguém pode objetar que, embora o Espírito Santo receba o que é do Filho, ele não o recebe do Filho; pois ele recebe a essência do Pai do Pai, uma essência idêntica à do Filho, e isso explicaria por que o Filho diz: "Ele tomará do que é meu." E as palavras do Senhor que se seguem (João 16:15) parecem sugerir isso, pois ele adiciona, quase em explicação de si mesmo: "Tudo o que o Pai tem é meu; portanto, eu disse que ele tomará do que é meu."

Mas, a partir desta explicação do Senhor, conclui-se necessariamente que o Espírito Santo recebe do Filho. Se tudo o que pertence ao Pai pertence ao Filho, então a autoridade pela qual o Pai é o princípio de onde o Espírito Santo procede também deve pertencer ao Filho. Assim, portanto, como o Espírito Santo recebe do Pai o que é do Pai, ele também recebe do Filho o que é do Filho.

É por isso que Atanásio diz em sua carta a Serapion: “Ensinando seus Apóstolos e sua Noiva, a Igreja, Cristo afirmou que, a partir de seu próprio ser, o Espírito Santo existe de si mesmo essencialmente como Deus, dizendo assim: 'Ele tomará do que é meu', ou seja, ele tem da minha essência a sua divindade, assim ele tem de mim existência e discurso.” E novamente em seu discurso sobre o Concílio de Nicéia: “Tudo o que o Espírito Santo tem, ele tem do Verbo de Deus.” E em sua carta a Serapion ele diz: “O Espírito Santo é coessencial com o Filho, pois dele ele tem tudo o que possui.” E, novamente, na mesma carta: “O Filho diz: 'Ele, a saber, o Espírito Santo, me glorificará', isto é, como ele tem em si mesmo a minha divindade a partir de mim, ele me provará como o Deus glorioso e justo, assim como eu glorifico meu Pai, isto é, como eu tenho em mim mesmo a sua divindade a partir dele.” E Basílio, escrevendo contra Eunômio, diz: “Um atributo passa do Pai para o Filho, de tal forma que o Filho, enquanto Deus, é Deus do Pai, Senhor do Senhor, Todo-Poderoso do Todo-Poderoso, Sabedoria do Sábio, Verbo do mais Alto Fala, Poder do Poder; o verdadeiro Filho tem os atributos do Pai em si mesmo. Da mesma forma, o Espírito Santo é Senhor e Deus, o Todo-Poderoso, Sabedoria, Poder, naturalmente tomando os atributos que possui do Senhor Deus, Pai e Filho, de quem ele é e por quem ele é dado.”

É claro, no entanto, que pelo fato de o Filho ter a divindade e tudo o que possui do Pai, ele é eternamente do Pai. Portanto, o Espírito Santo é eternamente do Pai e do Filho, recebendo deles a divindade e tudo o que possui.

PARTE II

CAPÍTULO 4: Que o Filho opera através do Espírito Santo

Também está estabelecido pela autoridade das Sagradas Escrituras que o Filho age no Espírito Santo ou através do Espírito Santo. Os Apóstolos em Romanos 15:18 dizem: Pois não me atrevo a falar de coisa alguma, senão do que Cristo realizou por meio de mim, para levar à obediência os gentios, por palavra e por obra, pela potência de sinais e prodígios, pela potência do Espírito Santo. E em 1 Cor. 2:10 está escrito: Deus revelou-as pelo seu Espírito. Pois ele é o Espírito do Pai e do Filho. Daí, o Pai e o Filho agem na revelação através do Espírito Santo.

É por isso que Atanásio diz na carta a Serápion: “O Filho de Deus, ao nos iluminar ao ir adiante de nós e ao nos justificar ao fortalecer nossa fé e ao desbloquear as Escrituras ao nos encher com os dons da sabedoria, concede seus dons enquanto perdoa pecados e nos concede seus carismas, não no espírito de outro que não é seu, mas em seu próprio Espírito Santo.” E Cirilo também diz em seu discurso sobre os dogmas de Deus: “O Filho possui por essência em si mesmo o Espírito Santo como seu e como enviado naturalmente por ele; nele realizou milagres divinos como por seu próprio e verdadeiro poder.”

A partir do fato de que o Filho age através do Espírito Santo, conclui-se necessariamente que o Espírito Santo é do Filho. Alguém pode ser dito agir através de outro de duas maneiras. De um modo, na medida em que aquilo pelo qual se age é um princípio em si mesmo e causa da operação, seja como causa eficiente e movente, como o despachante é dito agir através do rei; ou como causa formal, como o homem é dito agir através de sua arte. De outro modo, na medida em que aquilo pelo qual se age é uma causa em relação ao trabalho e não ao agente, como o rei é dito agir através de seu despachante e o artista através de seu instrumento. Neste caso, o que está agindo deve ser chamado, ao contrário, de princípio da operação em relação ao que realiza a operação, como o rei em relação ao despachante ou o artista em relação ao instrumento que usa.

Portanto, quando se diz que o Filho age através do Espírito Santo, não se pode entender que o Espírito Santo seja o princípio da operação em relação ao Filho, uma vez que o Filho não recebe do Espírito Santo. A única alternativa, então, é que o Filho seja o princípio da operação em relação ao Espírito Santo. E isso não pode ser senão com base no fato de que ele lhe dá seu poder operativo. Mas ele não o dá a ele como se ele não o tivesse anteriormente, pois isso implicaria que o Espírito Santo lhe faltava e, portanto, seria inferior ao Filho. Portanto, a única alternativa é que ele lhe dá isso desde a eternidade. Nem o poder operativo do Espírito Santo é outra coisa senão sua essência,

uma vez que o Espírito Santo, assim como o Pai, é simples. Portanto, a única alternativa é que o Filho dá a essência divina ao Espírito Santo desde a eternidade.

E Atanásio diz isso expressamente em sua carta a Serapion: “Assim como o Pai age naturalmente através do Filho e no Filho originando-se dele e não ao contrário, assim o Filho age naturalmente no Espírito Santo, originando-se dele como em seu próprio poder, e não ao contrário.”

CAPÍTULO 5: Que o Espírito Santo é a imagem do Filho

Com base na autoridade das Sagradas Escrituras, estabelece-se, segundo a interpretação dos doutores gregos conforme notado acima, que o Espírito Santo é a imagem do Filho. Eles interpretam o que está dito em Romanos 8:29: "Aqueles a quem ele conheceu de antemão, ele predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho", e em 1 Coríntios 15:49: "Assim como levamos a imagem do homem de pó, assim também levaremos a imagem do homem do céu", como significando que a imagem do Filho é o Espírito Santo. É por isso que Atanásio, em sua carta a Serapion, falando na pessoa do Filho, diz: “Receba minha própria imagem, o Espírito Santo de conhecimento.” E Gregório de Cesareia diz: “O Espírito Santo é a imagem perfeita do Filho.” É bem conhecido, no entanto, que uma imagem deriva daquele de quem é a imagem. Portanto, do fato de que o Espírito Santo é a imagem do Filho, segue-se que o Espírito Santo é do Filho.

Pode-se realmente objetar que ele é a imagem do Filho na medida em que é semelhante ao Filho com base em algum efeito que ele realiza conjuntamente com o Filho, ou porque ele é do Pai assim como o Filho é. Mas com base nos textos dos santos que afirmam que o Espírito Santo é a imagem natural do Filho, isso é excluído. Pois ele não poderia ser chamado de imagem natural do Filho, exceto na medida em que é semelhante ao Filho na natureza, recebendo sua natureza do Filho. Pois a forma da imagem deve sempre derivar da forma daquele de quem é a imagem.

É por isso que Atanásio na mencionada carta diz: “Assim como Deus se fez consubstancial com a Igreja ao assumir sua forma em si mesmo, assim ele a selou divinamente e superabundantemente com sua própria imagem, a saber, o Espírito Santo que existe por natureza de sua essência.” E em seu Tesouro, Cirilo diz: “Aquele que recebe a imagem natural do Filho, isto é, o Espírito Santo, através do Filho possui verdadeiramente o mesmo Filho e o Pai do Filho. Como, portanto, poderia o Espírito Santo ser contado entre as criaturas, já que ele é a imagem natural e incomunicável do Filho de Deus?” E Basílio, escrevendo contra Eunômio, diz: “A imagem natural do Filho é o seu sopro, o Espírito.”

PARTE II

CAPÍTULO 6: Que ele é o caráter do Filho

Com base nos mesmos fundamentos, os doutores mencionados afirmam que o Espírito Santo é o caráter do Filho. Pois Atanásio, na carta citada, diz que “o Filho, ao derramar o Espírito Santo, o estampa como seu caráter e imagem própria na Igreja para reformar a Igreja e conformá-la divinamente a si mesmo.” E Basílio, em seu livro contra Ário e Sabélio, diz: “Assim como o Filho nos conquistou para o Pai, sendo ele mesmo do Pai, assim o Espírito nos conquista para o Filho através da fé, imprimindo em nós no batismo o caráter do Filho, de quem ele é e do qual ele é proclamado o verdadeiro espírito e caráter.”

PARTE II

CAPÍTULO 7: Que ele também é o selo do Filho

Da mesma forma, afirmam que o Espírito é o selo do Filho. Pois Atanásio, na carta mencionada, diz: “O Espírito Santo é a unção e o selo, imprimindo a imagem que contém em si mesmo, na qual o Espírito, assim como em seu próprio selo, isto é, pela imagem de sua natureza, Deus o Verbo sela e marca a Igreja, sua esposa, imprimindo nela a sua própria imagem.” E mais adiante: “Cristo em sua própria imagem unta e superunta a Igreja e através dele, como por seu selo que contém sua própria essência, imprime-se na Igreja, sua esposa.” Crisóstomo, comentando sobre Romanos, diz: “Se o Espírito é o caráter e selo de Cristo, aquele que não tem o selo e caráter de Cristo não é de Cristo.”

É bem conhecido, no entanto, que o caráter e o selo derivam daquele de quem são. Assim, a partir dos textos desses Doutores, fica explicitamente mostrado que o Espírito Santo deriva do Filho.

Os textos desses Doutores, além disso, são confirmados pela autoridade das Sagradas Escrituras. Pois em 2Cor. 1:22 está escrito: “Deus, que nos ungiu, também nos selou e deu o seu Espírito em nossos corações como garantia.” Isso deve ser entendido, naturalmente, do Pai e do Filho, já que ambos nos dão o Espírito Santo, como foi mostrado. E em Ef. 1:13-14: “Em quem, isto é, em Cristo, também vocês, depois de ouvirem a palavra da verdade, o evangelho da sua salvação, e tendo crido nele, foram selados com o Espírito Santo prometido, que é a garantia da nossa herança.”

PARTE II

CAPÍTULO 8: Que o Espírito Santo vem do Pai por meio do Filho

Também é ensinado pelos Doutores mencionados que o Espírito Santo é do Pai através do Filho. Pois em seu *Thesaurus*, Cirilo diz: “Deus o Pai, por sua própria mão direita, isto é, por seu poder e sabedoria, trouxe todas as coisas à existência em seu único e verdadeiro e vivificante e divinizador Espírito consubstancial consigo mesmo, o qual na essência ele espirou de si mesmo através do mesmo Filho, por natureza coeterno com ele.” E Basílio diz: “O Filho não é o Filho do Espírito porque o Espírito é do Deus Pai através do Filho.” E escrevendo contra Eunômio, o mesmo Santo diz: “Se, a partir da sua própria palavra, ó você que resiste à verdade, você produz um espírito batendo o ar com uma palavra não da mesma espécie, você duvida que o Espírito Santo procede de maneira intelectual do Pai através do Filho unigênito?” E mais adiante: “O Filho chama a si mesmo a Palavra do Pai e declara sem hesitação para nós que o Espírito é do Pai através dele, a Palavra.”

Assim, mostra-se conclusivamente que o Espírito é do Filho. Pois foi observado acima que, quando se diz que alguém trabalha através de algo, esse algo deve ser um princípio de operação para o agente, ou pelo menos deve ser um princípio de operação para aquilo em que a operação termina. Mas o Filho não pode ser um princípio de espiração para o Pai. Assim, se o Pai espira o Espírito Santo através do Filho, segue-se necessariamente que o Filho é um princípio do Espírito Santo.

O mesmo é provado pela declaração de Gregório de Nissa: “Nós sustentamos que o Espírito Santo é do Pai através da mediação do Filho.” Pois assim, o Espírito Santo é dito ser do Pai através do Filho, na medida em que o Pai é o princípio do Filho, e o Filho é o princípio do Espírito Santo.

PARTE II

CAPÍTULO 9: Que o Espírito Santo vem do Filho

Mas este é o ponto onde devem ser apresentados os depoimentos dos Pais Gregos que afirmam que o Espírito Santo é do Filho. Pois em sua carta a Serápion, Atanásio diz: “Cristo disse (João 16:13) do seu Espírito: ‘Ele não falará de si mesmo, mas falará tudo o que ouvir’, isto é, não como se fosse um Espírito não originado, uma propriedade apenas do Pai, mas, acima de tudo, no sentido próprio, ele é do próprio Filho, de quem recebe a essência divina e de quem também ouve o que fala.” Contra Aécio e Sabélio, Basílio diz: “Como o Espírito Santo adota no Filho, se ele é estranho ao Pai e ao Filho? Como ele, um estranho, habita nos que Cristo redime, se ele não é do Cristo?”

PARTE II

CAPÍTULO 10: Que ele procede conjuntamente do Pai e do Filho

Para evitar que alguém objeque que o Espírito Santo procede de uma maneira do Pai e de outra do Filho, ambos esses Doutores afirmam que ele procede conjuntamente de ambos. Assim, Epifânio diz em seu livro sobre a Trindade, “De Deus, do Pai e do Filho, é o Espírito Santo.”

PARTE II

CAPÍTULO 11: Que ele é de ambos desde a eternidade

Se alguém disser que o Espírito Santo é dito ser do Pai e do Filho no sentido de ser temporariamente enviado por eles e não existindo a partir deles desde a eternidade, isso é mostrado como falso pelo que segue. Pois o mesmo Epifânio diz em seu livro sobre os vestidos de pele de Adão e Eva: “Como Cristo diz, o Espírito da Verdade que procede do Pai também receberá do que é meu. Assim, o Espírito sempre existe a partir de ambos os dois.” Ele também diz em um sermão sobre a Encarnação do Verbo: “O Pai, afinal, sempre existiu; o Filho sempre existiu, e o Espírito Santo sempre existiu do Pai e do Filho.” Portanto, ele é eternamente de ambos.

PARTE II

CAPÍTULO 12: Que o Espírito Santo é uma pessoa entre pessoas

Assim, também, a partir de textos dos mesmos Doutores, está estabelecido que o Espírito Santo é uma pessoa das pessoas do Pai e do Filho. Pois Atanásio diz em seu discurso sobre o Conselho de Niceia: “A Santa Igreja Mãe aqui reunida condena as invenções de sua heresia”, ou seja, dos arianos, “e confessa o Espírito Santo como não criado, verdadeiro Deus, uma hipóstase das hipóstases do Pai e do Filho, e consubstancial com eles.” E Epifânio em seu Ancoratus diz: “O Espírito Santo em si mesmo é uma verdadeira hipóstase, não outra ou essencialmente diferente do Pai e do Filho, mas verdadeiramente existente da mesma essência, uma hipóstase em si mesma das hipóstases, contudo, do Pai e do Filho.”

Portanto, ele é do Pai e do Filho, não apenas em relação ao dom da graça no qual é dado ou enviado, mas pela razão de sua própria pessoa. Ele é, portanto, do Pai e do Filho desde a eternidade.

PARTE II

CAPÍTULO 13: Que ele é também da essência do Pai e do Filho

Assim, também, a partir dos textos mencionados é provado que ele é da essência do Pai e do Filho. Pois, no discurso sobre o Conselho de Niceia, Atanásio diz: “A remissão de todos os pecados e de toda blasfêmia é realizada no Espírito Santo, que, como foi dito, sendo da essência do Pai e do Filho, compartilha do seu poder, com eles criando e dispondo todas as coisas.” Novamente, em sua carta a Serápion, ele diz: “Cristo, da sua própria e da comum essência do Pai, espirou o Espírito Santo que existe eternamente.” E mais adiante: “Cristo, no seu próprio Espírito Santo, existente como mencionado acima de sua própria essência, nos perdoa todos.” E na mesma carta: “O Espírito Santo existente do Filho pela mesma divindade do Pai e do Filho é um.”

PARTE II

CAPÍTULO 14: Que ele também é naturalmente do Filho

Assim, também está estabelecido que ele é naturalmente do Filho. Pois Cirilo diz: “Quem é a vida? Cristo mesmo que disse (João 14:6): Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, de forma que o seu Espírito verdadeiramente e naturalmente existente nele e dele estabelece a lei do espírito.”

A partir disso, é provado que o Espírito Santo é do Filho, não meramente como dado ou enviado no tempo, mas como procedendo dele eternamente, como recebendo dele eternamente, como recebendo dele sua essência e natureza.

Isso também pode ser provado pela própria expressão dos Doutores mencionados, pois não apenas dizem que o Espírito Santo é do Filho, o que poderia se referir meramente a uma missão temporal, mas também que ele existe pelo Filho, o que só pode se referir à procissão eterna; pois cada coisa existe na medida em que é em si mesma. Pois Cirilo, o Patriarca de Jerusalém, diz: “O Espírito Santo procede do Pai e existe da divindade do Pai e do Filho.” E contra Eunômio, Basílio diz: “O Espírito Santo tem seu ser do Filho e dele recebe o que nos anuncia.”

PARTE II

CAPÍTULO 15: Que o Filho também aspira o Espírito Santo

Além disso, está expressamente estabelecido a partir dos textos mencionados que o Filho aspira o Espírito Santo. Pois Atanásio em sua carta a Serápion diz: “O Filho, gerado do Pai, aspira de sua imensa essência, não fora de si mesmo, mas dentro de si mesmo, Deus o Espírito Santo.” Cirilo, também, em sua exortação ao Imperador Teodósio, diz: “O Salvador produz e aspira de si mesmo o Espírito, assim como o Pai o faz.”f

CAPÍTULO 16: Que o Filho aspira a partir de uma propriedade pessoal

Para que ninguém objeção que o Filho não aspira o Espírito Santo no sentido próprio do termo, o Filho é chamado por esses Doutores o aspirador do Espírito Santo, tendo precisamente de uma propriedade pessoal que ele deve aspirar o Espírito Santo. Pois Atanásio diz em sua carta a Serápion: “Os hereges blasfemam e negam o Filho, o Aspirador do verdadeiro Espírito, o Paráclito.” E novamente na mesma carta: “Aquele que blasfema contra o Espírito aspirado também blasfema contra seu Afspirador, isto é, o Filho, e através do Filho blasfema contra seu Pai.” Contra Eunômio, Basílio também diz: “Sem dúvida, acreditamos que o Filho é o Aspirador e doador do Espírito Santo.”f

PARTE II

CAPÍTULO 17: Que pelos mesmos motivos ele é aspirado pelo Pai e pelo Filho

Para mostrar, no entanto, que o Espírito Santo é aspirado nas mesmas bases conjuntamente pelo Pai e pelo Filho, Atanásio diz na carta a Serapião, recém-citada, que o Filho co-aspira com o Pai: “Deus Pai através de Deus, o Verbo, não como através de um órgão - Deus nos livre - mas através de um co-aspirador, coessencial com sua própria essência verdadeiramente viva, ele aspira o Sopro vivificante e divinizante, plenamente Deus e bem-aventurado Espírito Santo.”

CAPÍTULO 18: Que ele é aspirado pelo Filho eternamente

Para que ninguém objete que essa aspiração pertence à procissão temporal, os Doutores acima mencionados afirmam que o Espírito Santo é aspirado eternamente pelo Filho. Pois Atanásio diz em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, falando na pessoa do Filho: “Para que o mundo creia que o Espírito, o Paráclito, em essência e desde a eternidade é aspirado por mim.” E em seu *Thesaurus* Cirilo diz: “Cremos e confessamos que o Espírito Santo, desde a eternidade e em essência aspirado por Cristo, existe como Deus.”

CAPÍTULO 19: Que o Espírito Santo é aspirado da essência do Filho

Também confirmando isso está o fato de que nos mesmos textos é afirmado que o Espírito Santo é aspirado da essência do Filho. Pois Atanásio diz em seu discurso sobre o Concílio de Niceia: “Adoramos o Sopro de vida da essência do Filho, o Espírito, o Deus coeternamente aspirado.” E novamente na mesma obra: “De sua essência Deus espirou o Espírito Santo.” E em sua carta a Serapião: “Os hereges são deserdados pelo Filho porque não aceitam o Espírito Santo como em essência Deus aspirado de sua essência.” E na mesma carta explicando o que significa “de sua essência”, ou seja, “de si mesmo como essência”, ele diz o seguinte: “O Filho nascido do Pai, possuindo verdadeiramente em si a natureza do Pai, não reteve a propriedade da paternidade, mas a da comunicabilidade natural, de modo que de si mesmo como sua própria essência ele aspirasse não um filho por geração, mas o Espírito, igual e coeterno com ele como Deus em todas as coisas.” E o mesmo ponto é repetidamente feito em seus textos.

A partir disso, fica claro que, quando se afirma que o Espírito Santo é aspirado pelo Filho, isso não pode ser dito apenas em referência à sua procissão temporal, mas também à sua procissão eterna, pela qual o Espírito Santo recebe a essência divina do Filho.

PARTE II

CAPÍTULO 20: Que o Espírito Santo emana do Filho

Textos dos mesmos Padres referem-se à procissão do Espírito Santo a partir do Filho pela palavra “emanação”. Pois Atanásio diz na mesma carta a Serapião: “O Espírito vivente emanando do Verbo vivente, como um poder infalível vindo da força, é derramado sobre a Igreja.” E Teodoreto diz sobre a carta aos Efésios: “O Espírito Santo lá de cima emana de Cristo, e é dado sem inveja a todos que o recebem.”

PARTE II

CAPÍTULO 21: Que o Espírito Santo flui do Filho e isto desde a eternidade

Os mesmos Doutores, além disso, também empregam o termo ‘fluxo’ para demonstrar a procissão do Espírito Santo a partir do Filho. Pois Atanásio, em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, falando na pessoa de Cristo, diz: “Eu envio Apóstolos ao mundo, não no poder do homem, mas no poder do Espírito Santo fluindo da minha própria essência.” E no mesmo discurso: “Se não é para ser acreditado e pregado do Espírito Santo que ele é a verdade do Pai e do Filho, coessencial com ambos, fluindo de sua essência, como no credo divino do batismo salvador Deus, o Filho, nosso Salvador, o considera com o Pai e com Ele mesmo como cooperando para efetivar nossa salvação?” E em sua carta a Serapião ele diz: “O Espírito Santo fez com que os Padres em Niceia acreditassem e proclamassem que o Filho é coessencial com ele, como se fosse Deus fluindo de sua essência.” E Cirilo no *Thesaurus* diz: “Quando o Espírito Santo é derramado sobre nós, ele nos revela configurados a Deus; pois ele flui do Pai e do Filho.”

A partir disso, também se estabelece que o Espírito Santo é eternamente do Filho, precisamente por ter a essência divina dele.

PARTE II

CAPÍTULO 22: Que o Filho também origina o Espírito Santo

Por essas autoridades também se prova que o Filho origina o Espírito Santo. Pois Atanásio, em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, diz: “O próprio Filho, naturalmente e eternamente por si mesmo enquanto Deus, ao espirar origina o Espírito Santo.” E em sua carta a Serapião ele diz que “o Filho trabalha no Espírito Santo originado por ele naturalmente, como em seu próprio poder.” Parece impróprio restringir isso à procissão temporal; pois alguém é originado daquele de quem tem seu ser; pois originar significa dar origem a alguém.

PARTE II

CAPÍTULO 23: Que o Filho é o autor do Espírito Santo

Também é estabelecido pelos Doutores mencionados anteriormente que o Filho é autor do Espírito Santo. Pois Atanásio, em sua carta a Serapião, diz: “O Apóstolo atribui o que o Espírito trabalha e realiza nele ao Filho, seu autor, assim como o Filho atribui a Deus Pai, seu autor, as obras que ele realiza.” A autoridade de uma pessoa em relação a outra entre as pessoas divinas só existe na medida em que uma é de outra eternamente. Portanto, o Espírito Santo é do Filho eternamente.

PARTE II

CAPÍTULO 24: Que o Filho também é princípio do Espírito Santo

Também é provado pelas autoridades mencionadas anteriormente que o Filho é o princípio do Espírito Santo. Pois Gregório Nazianzeno diz em seu discurso sobre o Concílio de Constantinopla: “Cremos na santa Trindade”, ou seja, o Pai sem um princípio, o Filho, porém, um princípio de um princípio, o Pai, mas o Espírito Santo com o Filho como princípio, ser um só Deus em tudo e sobre todos.” Mas o Pai é princípio do Filho porque o Filho é dele eternamente. Portanto, o Espírito Santo é do Filho eternamente.

CAPÍTULO 25: Que o Filho também é fonte do Espírito Santo

É estabelecido pelas mesmas autoridades que o Filho é fonte do Espírito Santo. Pois Atanásio, em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, diz: “Assim como o Espírito está no Filho como um fluxo em sua fonte, e assim como o Filho está no Pai como o esplendor no sol da glória por natureza, assim, pela graça do Espírito Santo, os eleitos estão no Pai e no Filho.” E em sua carta a Serapião ele diz: “Como uma fonte e como a luz o Filho está de fato com o Pai; dessa fonte e luz o Espírito Santo é o verdadeiro fluxo e o esplendor da glória eterna.” E na mesma carta ele diz: “Pois o Espírito Santo não opera em Deus, o Cristo e Verbo, ou seja, em sua fonte natural.” E mais adiante: “O Filho gerado e fonte do Espírito Santo, entre quem ele ocupa o lugar intermediário.” E Atanásio em seu sermão sobre a Encarnação do Verbo diz: “Davi canta no salmo (35:10), dizendo: Porque contigo está a fonte da vida; porque juntamente com o Pai o Filho de fato é a fonte do Espírito Santo.”

A partir disso também é provado que o Filho é o princípio do Espírito Santo como um que existe dele eternamente.

PARTE II

CAPÍTULO 26: A conclusão geral: que o Espírito procede do Filho

Depois de tantos testemunhos, no entanto, certos adversários (referindo-se aos teólogos gregos que se opunham aos latinos desde o tempo de Fócio) da verdade recusam-se a confessar a verdadeira fé, dizendo que, embora tenha sido mostrado que o Espírito Santo existe, é espirado, emana e flui do Filho, não se deve admitir que ele procede do Filho. Pois isso não está contido em nenhuma das autoridades citadas; nem em qualquer autoridade da Sagrada Escritura, que afirma que o Espírito Santo procede do Pai, sem no entanto unir o Filho a isso ao Pai, quando em João 15:26 se diz: Quando vier o Paráclito, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai. Portanto, deve ser mostrado como, com base no que foi dito anteriormente, segue-se necessariamente que o Espírito Santo procede do Filho.

Agora, de todas as palavras relacionadas à origem, o termo processão é considerado mais genérico e menos específico de um modo de origem. Pois, de acordo com o uso aceito, designamos como procedente qualquer coisa que seja de outra de qualquer maneira, seja isso naturalmente de outra como Pedro é dito proceder de seu pai, ou emissivamente como o sopro procede de alguém que está respirando, ou de forma fluente como um fluxo procede de uma fonte, ou artificialmente como uma casa procede de um construtor, ou localmente como o noivo procede da câmara nupcial.

Nem tudo, no entanto, de qualquer maneira de outro pode ser descrito como sendo espirado, ou gerado, ou fluindo, ou emitido. Portanto, o termo processão também é particularmente adequado para expressar a origem das pessoas divinas, pois, como observado anteriormente, o divino é melhor designado por termos genéricos do que específicos. Assim, de qualquer um dos pontos que foram discutidos, a saber, que o Espírito Santo existe do Filho, flui dele, ou é espirado ou emana, conclui-se necessariamente que o Espírito Santo procede do Filho.”

CAPÍTULO 27: Que na pessoa divina fluir e proceder são o mesmo

Novamente, Cirilo diz em sua explicação do Credo Niceno: “O Espírito é consubstancial com o Pai e o Filho e flui, isto é, procede de Deus e Pai como de uma fonte.” Com isso, estabelece-se que nas pessoas divinas fluir e proceder são sinônimos. O Espírito Santo flui do Filho, como foi demonstrado acima; portanto, ele procede do Filho.

Isso, além disso, é ainda mais confirmado por esta declaração que ele faz em sua carta enviada a Nestório, a saber, que “Cristo é a verdade e o Espírito Santo flui dele como flui de Deus e do Pai.” Se, portanto, fluir do Pai é o mesmo que proceder dele, por isso que ele flui do Filho, ele é mostrado para proceder dele.

Gregório Nazianzeno também diz em seu sermão sobre a Epifania: “De onde o Espírito Santo é, de lá ele procede.” Mas, como foi provado, ele é do Filho. Portanto, ele procede do Filho. Cirilo, também diz em seu comentário sobre Joel: “O Espírito Santo pertence a Cristo mesmo e está nele e dele, assim como é entendido estar de Deus e do Pai.” E Máximo o monge diz em seu sermão sobre o candelabro e as sete luzes: “Assim como o Espírito Santo naturalmente existe por Deus Pai de acordo com sua essência, assim também ele verdadeiramente existe pelo Filho de acordo com sua natureza e essência, como que procedendo como Deus do Pai através do Filho.”

Da mesma forma, Atanásio em sua carta a Serapião diz: “Assim como o Filho é por natureza relacionado ao Pai, assim o Espírito Santo é relacionado ao Filho.” E na mesma carta, falando na pessoa do Filho, ele diz: “O Espírito tem a mesma natureza e relacionamento para comigo, o Filho, para ser Deus de Deus, assim como eu tenho para com o Pai para ser Deus de Deus.” Basílio, também, contra Eunômio diz: “Assim como o Filho é relacionado ao Pai, assim da mesma forma o Espírito Santo é relacionado ao Filho.” Mas o Filho é relacionado ao Pai como procedendo dele. Pois em João 8:42 ele diz: Eu procedi e vim de Deus. Portanto, o Espírito Santo procede do Filho.

Mas Epifânio até usa a palavra processão em seu livro sobre a Trindade: “Da mesma forma que ninguém conhece o Pai, exceto o Filho, e ninguém conhece o Filho, exceto o Pai (Mat. 11:27), assim me atrevo a dizer que ninguém conhece o Espírito Santo, exceto o Pai e o Filho de quem ele recebe e de quem ele procede.” E Atanásio sobre o Credo diz: “O Espírito Santo é do Pai e do Filho, não feito, nem criado, nem gerado, mas procedente.”

CAPÍTULO 28: Que para demonstrar a processão do Espírito Santo os Doutores Gregos e Latinos usam os mesmos argumentos

Que os Doutores Gregos usam os mesmos argumentos para demonstrar a processão do Espírito Santo que os Doutores Latinos também deve ser considerado. Em seu livro sobre a processão do Espírito Santo Anselmo argumenta a favor da processão do Espírito Santo com base no fato de que Pai e Filho são de uma só essência. Disso se segue que Pai e Filho não diferem um do outro, exceto que o primeiro é o Pai e o segundo é o Filho. Ter o Espírito Santo procedendo de si mesmo não pertence nem à noção de paternidade nem à de filiação; pois o Pai não é chamado Pai porque o Espírito Santo procede dele. Nem é contrário à noção de filiação que o Filho tenha o Espírito procedendo dele. Assim, a única conclusão restante é que ter o Espírito Santo procedendo de si mesmo é comum ao Pai e ao Filho.

E da mesma forma Nicetas comentando sobre João argumenta assim: “Do fato de que o Filho tem em sua essência tudo o que pertence ao Pai, ele também tem o Espírito.” E Cirilo diz em seu *Tesouro*: “O Apóstolo diz que o Espírito de Cristo e o Espírito do Pai são verdadeiramente um e não muitos, porque todas as coisas pertencentes ao Pai verdadeiramente e no sentido próprio passam naturalmente para o verdadeiro Filho.”

Disso, no entanto, fica claro que quando no Evangelho se diz que o Espírito Santo procede do Pai, deve-se entender que procede também do Filho, embora no Evangelho isso não seja adicionado. Pois as coisas que são predicadas do Pai devem ser entendidas também do Filho, mesmo quando predicadas exclusivamente; como está declarado em João 17:3: Que eles possam te conhecer, o único Deus. E em 1 Tim. 6:15: A quem, isto é, Cristo, Deus fará aparecer em seu próprio tempo - Deus, o bendito e único Governante, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, que sozinho é imortal. Pois essas coisas são entendidas como verdadeiras também para o Filho, porque Pai e Filho são um em essência, como é afirmado em João 10:30: Eu e o Pai somos um.

Desde que, portanto, ter o Espírito procedendo de si mesmo é comum ao Pai e ao Filho, exatamente como qualquer coisa predicada deles essencialmente, como é claro pelo que foi dito, então, quando se diz no Evangelho (cf. João 15:26) que o Espírito Santo procede do Pai, deve-se entender que também procede do Filho; assim como quando no mesmo Credo o Pai é dito ser o Todo-Poderoso, o Criador das coisas visíveis e invisíveis, o Filho deve ser entendido igualmente assim.

CAPÍTULO 29: Que o Espírito Santo se distingue do Filho por ser dele

Também se mostra a partir dos textos dos Padres supracitados que o Espírito Santo se distingue do Filho, porque é dele. Gregório de Nissa, ensinando dogmaticamente sobre a divindade, diz: “Confessamos que a natureza divina é imutável; mas não negamos a diferença entre causa e coisa causada”, isto é, como explicado acima, a distinção entre o princípio e aquilo que é do princípio. Depois ele acrescenta: “Também reconhecemos outra diferença, a saber, entre aquele que é o Relativo do Primeiro”, isto é, o Filho do Pai, e “o outro que é do Relativo e do Primeiro”, isto é, o Espírito que é do Pai e do Filho.

Fica claro, portanto, que em virtude da primeira diferença o Espírito Santo e o Filho são distinguidos do Pai; em virtude da segunda, o Espírito Santo é distinguido do Filho, a saber, porque o Filho procede do Pai não através do Espírito, mas o Espírito procede do Filho. Da mesma forma, Ricardo de São Vítor, no livro cinco sobre a Trindade também mostra a diferença entre as duas processões pelo fato de que o Filho procede de apenas uma pessoa, enquanto o Espírito Santo procede de duas. De acordo com as opiniões de ambos, a única conclusão possível é que o Filho e o Espírito Santo não seriam distinguidos um do outro, a menos que um fosse do outro.

CAPÍTULO 30: Que a distinção de pessoas deve ser de acordo com alguma ordem da natureza

Da mesma forma, a distinção das pessoas deve repousar em uma ordem que é natural, como diz Agostinho. Portanto, Atanásio em sua carta a Serapião compara a ordem das pessoas distintas a uma corrente: “De fato, assim como quem puxa o elo principal de uma corrente também puxa seu elo do meio, e contra o Pai, a extremidade oposta, assim quem blasfema contra o Espírito, a terceira pessoa, blasfema também contra o Filho, o elo do meio, e contra o Pai, o elo oposto, a cabeça da corrente da ordem divina triúna, distinta e não confundida. Contrariamente, quem acredita e recebe o Espírito como Deus, recebe Deus e o Filho de quem ele é e de quem ele procede, assim como quem segura uma extremidade de uma corrente puxando-a para si, segura o meio e através do meio segura a outra extremidade.” Por esta razão, ele também diz na mesma carta: “O Espírito Paráclito, o termo da ordem divina bem-aventurada e transcendente, constitui infalivelmente a terminação própria desta ordem em si mesmo por sua própria hipóstase, assim como o Pai mesmo, sem princípio, contém a cabeça e a origem frontal desta ordem. O Filho, no entanto, ocupa a posição intermediária desta ordem entre seus extremos, a saber, o Pai e o Espírito Santo.” E logo depois: “O Pai por si mesmo, como origem da ordem divina triúna, através do meio de seu Filho unigênito estabelecido por uma propriedade natural, o termo desta própria ordem na terceira pessoa, o Espírito espirado.”

Cirilo também diz no *Thesaurus*: “O Espírito Santo é por natureza do Filho e é enviado por ele à criatura, para operar a renovação da Igreja e ser o termo da Santíssima Trindade.” E ele conclui: “Se isso é assim, então Deus do Deus Filho é o Espírito Santo.” Pois se o Espírito Santo não fosse do Filho, o Espírito Santo não seria mais o termo da Trindade do que o Filho, nem a ordem da Trindade seria comparada a uma corrente, mas sim a um triângulo.

Ricardo de São Vítor também aborda este argumento no livro cinco sobre a Trindade, onde ele mostra que entre as pessoas divinas pode haver apenas uma pessoa de outra pessoa de quem outra pessoa não procede, nem pode haver duas pessoas de apenas uma pessoa. Qualquer uma dessas alternativas estaria em contradição com a ordem supracitada entre as pessoas divinas, mas ambas seriam postuladas se o Espírito Santo não procedesse do Filho.

Cirilo em seu *Thesaurus* explica esta ordem entre as pessoas divinas através de outra analogia empregada com a autoridade da Sagrada Escritura, que no Evangelho chama o Espírito Santo de dedo de Deus: Se eu expulso demônios pelo dedo de Deus (Lucas 11:20), e a passagem paralela em outro Evangelho: Se eu no Espírito de Deus, etc. (Mateus 12: 28). O Filho, no entanto, é chamado de braço de Deus: Veste-te de força, ó braço do Senhor (Is. 51: 9). Cirilo diz: “Assim como o braço e a mão existem naturalmente do corpo e o prolongam, e como o dedo se estende naturalmente da mão, assim de Deus Pai, como seu braço e mão, o Filho naturalmente surge pela geração Deus de Deus, e do Filho como da mão natural do Pai, Deus o Espírito Santo chamado dedo é produzido, fluindo naturalmente.”

Para concluir, portanto, o Espírito Santo procede do Filho por razões afirmadas igualmente pelos Doutores Latinos e Gregos.

PARTE II

CAPÍTULO 31: Crer que o Espírito Santo vem do Filho é necessário para a salvação

Freqüentemente acontece que quando os disputantes discordam, os pontos em que discordam não são necessários para a salvação. Para que ninguém pense que acreditar que o Espírito Santo procede do Filho não é necessário para a fé pela qual somos salvos, deve-se mostrar a partir dos textos dos Doutores Gregos que isso é necessário para a fé e a salvação.

Pois Atanásio diz em sua carta a Serapião: “De acordo com o comando do Apóstolo (Tito 3:10): Depois de uma primeira e segunda correção, evite um herege, mesmo aqueles que você possa ver voando pelo ar com Elias ou andando sobre a água como Pedro e Moisés; a menos que eles professem assim como nós professamos que o Espírito Santo é Deus naturalmente existente de Deus Filho, como o filho também é naturalmente Deus gerado eternamente e existente de Deus e Pai, você não deve recebê-los.” E novamente: “Não tenha comunhão com aqueles que blasfemam e negam que o Espírito Santo é Deus da natureza de Deus Filho.”

Da mesma forma, Cirilo em seu *Thesaurus* diz: “É necessário para a nossa salvação confessar que o Espírito Santo existe da essência do Filho, como existente dele por natureza.” Da mesma forma, Epifânio em seu livro sobre a Trindade: “Você se corta da graça de Deus quando não admite que o Filho é do Pai ou diz que o Espírito Santo não é do Pai e do Filho.”

Portanto, é claro que de nenhuma forma devem ser tolerados aqueles que negam que o Espírito Santo procede do Filho."

PARTE II

CAPÍTULO 32: Que o Pontífice Romano é o primeiro e o maior entre todos os bispos

O erro daqueles que dizem que o Vigário de Cristo, o Pontífice da Igreja Romana, não tem primazia sobre a Igreja universal é semelhante ao erro daqueles que dizem que o Espírito Santo não procede do Filho. Pois o próprio Cristo, o Filho de Deus, consagra e marca-a como sua própria com o Espírito Santo, como se fosse com seu próprio caráter e selo, como as autoridades já citadas deixam abundantemente claro. E da mesma forma, o Vigário de Cristo, por sua primazia e previsão como um servo fiel, mantém a Igreja Universal sujeita a Cristo. Deve-se, então, mostrar a partir dos textos dos referidos Doutores Gregos que o Vigário de Cristo detém a plenitude do poder sobre toda a Igreja de Cristo.

Agora, que o Pontífice Romano, o sucessor de Pedro e Vigário de Cristo, é o primeiro e maior de todos os bispos, é expressamente declarado no cânone do Concílio que diz: “De acordo com as Escrituras e definição do cânone, veneramos o santíssimo bispo da antiga Roma como o primeiro e maior de todos os bispos.”

Isso, além disso, está em concordância com a Sagrada Escritura, que tanto nos Evangelhos quanto nos Atos dos Apóstolos (cf. Mateus 16:18; João 21:17; Atos 1:15-16, 2:14, 15:17) atribui o primeiro lugar entre os Apóstolos a Pedro. Portanto, Crisóstomo comentando sobre o texto de Mateus 18:1: Os discípulos vieram a Jesus e perguntaram: quem é o maior no reino dos céus, diz: “Pois eles criaram em suas mentes um obstáculo humano, que não podiam mais guardar para si mesmos; nem controlaram o orgulho de seus corações, porque viram que Pedro era preferido a eles e tinha um lugar mais honroso.”

PARTE II

CAPÍTULO 33: Que o mesmo Pontífice tem jurisdição universal sobre toda a Igreja de Cristo

Também se mostra que o Vigário de Cristo tem jurisdição universal sobre toda a Igreja de Cristo. Pois está registrado no Concílio de Calcedônia como todo o sínodo aclamou o Papa Leão: “Viva Leão, o santíssimo, apostólico e ecumênico, isto é, patriarca universal.”

E Crisóstomo comentando sobre Mateus diz: “O poder que é do Pai e do próprio Filho, o Filho conferiu mundialmente a Pedro e deu a um homem mortal autoridade sobre todas as coisas no céu, dando-lhe as chaves para que ele pudesse estender a Igreja por todo o mundo.” E na homilia 85 sobre João: “Ele alocou a Tiago um território determinado, mas nomeou Pedro mestre e professor de todo o mundo.” Novamente, comentando sobre os Atos dos Apóstolos: “Não como Moisés sobre um povo, mas por todo o mundo Pedro recebeu do Filho poder sobre todos os que são Seus filhos.”

Isso também é ensinado com base na autoridade da Sagrada Escritura. Pois Cristo confiou suas ovelhas aos cuidados de Pedro sem restrição, quando disse no último capítulo de João (21:15): Apascenta as minhas ovelhas; e em João 10:16: Para que haja um só rebanho e um só pastor.

CAPÍTULO 34: Que o mesmo possui na Igreja uma plenitude do poder

Também está estabelecido a partir dos textos dos Doutores mencionados que o Pontífice Romano possui a plenitude do poder na Igreja. Pois Cirilo, o Patriarca de Alexandria, diz em seu *Thesaurus*: “Assim como Cristo, vindo de Israel como líder e cetro da Igreja dos Gentios, foi concedido pelo Pai o pleno poder sobre toda a principado e potestade e tudo o que é para que todos se curvem diante dele, assim ele confiou mais plenamente o pleno poder a Pedro e seus sucessores.” E novamente: “A ninguém mais além de Pedro e somente a ele Cristo deu o que é dele plenamente.” E mais adiante: “Os pés de Cristo são sua humanidade, isto é, o próprio homem, a quem toda a Trindade deu o pleno poder, que um dos Três assumiu na unidade de sua pessoa e elevou ao Pai acima de todo principado e potestade, para que todos os anjos de Deus o adorassem (Heb. 1:6); que, inteiro e completo, ele deixou em sacramento e poder a Pedro e à sua Igreja.”

E Crisóstomo diz à delegação búlgara falando na pessoa de Cristo: “Três vezes eu te pergunto se me amas, porque me negaste três vezes por medo e tremor. Agora restaurado, porém, para que os irmãos não acreditem que perdeste a graça e a autoridade das chaves, agora confirmo em ti aquilo que é plenamente meu, porque me amas na presença deles.”

Isso também é ensinado com base na autoridade da Escritura. Pois em Mateus 16:19 o Senhor disse a Pedro sem restrição: Tudo o que ligares na terra será ligado no céu.

CAPÍTULO 35: Que ele goza do mesmo poder conferido a Pedro por Cristo

Também está demonstrado que Pedro é o Vigário de Cristo e o Pontífice Romano é o sucessor de Pedro, gozando do mesmo poder conferido a Pedro por Cristo. Pois o cânone do Concílio de Calcedônia diz: “Se algum bispo for condenado como culpado de infâmia, ele é livre para apelar da sentença ao bem-aventurado bispo da antiga Roma, a quem temos como Pedro a rocha de refúgio, e a ele somente, no lugar de Deus, com poder ilimitado, é concedida a autoridade para ouvir a apelação de um bispo acusado de infâmia em virtude das chaves dadas a ele pelo Senhor.” E mais adiante: “E tudo o que for decretado por ele deve ser considerado como do vigário do trono apostólico.”

Da mesma forma, Cirilo, o Patriarca de Jerusalém, diz, falando na pessoa de Cristo: “Você por um tempo, mas eu sem fim estarei plenamente e perfeitamente em sacramento e autoridade com todos aqueles que eu colocarei em seu lugar, assim como estou com você.” E Cirilo de Alexandria em seu *Thesaurus* diz que os Apóstolos “nos Evangelhos e Epístolas afirmaram em todo o seu ensino que Pedro e sua Igreja estão no lugar do Senhor, concedendo-lhe participação em todos os capítulos e assembleias, em todas as eleições e proclamações de doutrina.” E mais adiante: “Para ele, isto é, para Pedro, todos por ordem divina inclinam a cabeça e os governantes do mundo obedecem a ele como ao próprio Senhor.” E Crisóstomo, falando na pessoa de Cristo, diz: “Apascenta as minhas ovelhas (João 21:17), isto é, em meu lugar esteja encarregado dos seus irmãos.”

CAPÍTULO 36: Que a ele pertence o direito de decidir o que diz respeito à fé

Também está demonstrado que ao referido Pontífice pertence o direito de decidir o que pertence à fé. Pois Cirilo em seu *Thesaurus* diz: “Permaneçamos como membros em nossa cabeça no trono apostólico dos Pontífices Romanos, de quem é nosso dever buscar o que devemos acreditar e o que devemos manter.” E Máximo na carta dirigida aos Orientais diz: “Todos os confins da terra que sinceramente receberam o Senhor e os católicos em toda parte professando a verdadeira fé olham para a Igreja dos Romanos como para o sol, e dela recebem a luz da Fé Católica e Apostólica.” Com razão, pois Pedro é registrado como o primeiro a ter, enquanto o Senhor o iluminava, confessado a fé perfeitamente quando lhe disse (Mt. 16:16): Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E daí o Senhor também lhe disse (Lc. 22:32): Eu orei por ti, Pedro, para que tua fé não desfaleça.”

CAPÍTULO 37: Que ele é o superior dos outros patriarcas

Também está claro que ele é o superior dos outros patriarcas a partir desta declaração de Cirilo: “É dele”, ou seja, dos Pontífices Romanos do trono apostólico, “o direito exclusivo de reprovar, corrigir, decretar, resolver, dispor e vincular em nome daquele que o estabeleceu.” E Crisóstomo comentando sobre os Atos dos Apóstolos diz que “Pedro é o cume mais santo do bendito coro apostólico, o bom pastor.”

E isso também se manifesta na autoridade do Senhor, em Lucas 22:32 dizendo: “Você, uma vez convertido, confirma seus irmãos.”

PARTE II

CAPÍTULO 38: Que estar sujeito ao Pontífice Romano é necessário para a salvação

Também é demonstrado que estar sujeito ao Pontífice Romano é necessário para a salvação. Pois Cipriano diz em seu *Thesaurus*: “Portanto, irmãos, se imitarmos a Cristo de modo a ouvir sua voz permanecendo na Igreja de Pedro e não nos deixando inflar pelo vento do orgulho, para que talvez, por causa de nossas contendas, a astuta serpente não nos afaste do paraíso, como fez com Eva.” E Máximo na carta endereçada aos Orientais diz: “A Igreja unida e estabelecida sobre a rocha da confissão de Pedro chamamos, de acordo com o decreto do Salvador, a Igreja universal, na qual devemos permanecer para a salvação de nossas almas e na qual, fiel à sua fé e confissão, devemos obedecê-lo.”

PARTE II

CAPÍTULO 39: Contra a posição daqueles que negam que o Sacramento possa ser confeccionado com pão ázimo sem fermento

Mas assim como as pessoas equivocadas mencionadas pecam contra a unidade do Corpo místico ao negar o poder plenário do Pontífice Romano, elas também pecam contra a pureza do sacramento do Corpo de Cristo ao dizer que o Corpo de Cristo não pode ser consagrado com pão ázimo. Isso também é refutado por textos dos Doutores Gregos.

Pois Crisóstomo, comentando sobre a passagem do Evangelho, No primeiro dia dos pães ázimos, diz: “O primeiro dia, ele diz, é quinta-feira, na qual os observadores da Lei começaram a celebrar a Páscoa, isto é, a comer pão ázimo, absolutamente livre de fermento. O Senhor, portanto, envia seus discípulos na quinta-feira, que o Evangelista chama de primeiro dia dos pães ázimos, no qual, à noite, o Salvador comeu a Páscoa; neste ato, como em tudo que ele fez desde o início de sua circuncisão até o último dia de sua páscoa, ele mostrou claramente que não era contrário às leis divinas.” Mas é óbvio que ele teria agido contra a lei se tivesse usado pão fermentado. Portanto, é claro que na instituição deste sacramento Cristo consagrou seu corpo com pão ázimo.

Deve-se observar, no entanto, que alguns afirmam que Cristo antecipou o dia dos pães ázimos porque sua paixão estava próxima e, portanto, usou pão fermentado. Eles tentam mostrar isso com dois argumentos. Primeiro, porque em João 13:1, é dito que antes da festa da Páscoa Jesus celebrou com seus discípulos a ceia na qual consagrou seu corpo, como o Apóstolo ensina em 1 Cor. 11:21. Daí parece que Cristo celebrou a Páscoa antes do dia dos pães ázimos, e assim na consagração de seu corpo ele usou pão fermentado. Além disso, eles confirmariam isso observando que, de acordo com João 18:28, na sexta-feira em que Cristo foi crucificado, os judeus não entraram no pretório de Pilatos para que não se contaminassem, mas comessem a Páscoa.

Mas a Páscoa é chamada de pão ázimo. Portanto, concluem que a ceia foi celebrada antes do pão ázimo.

A isso, no entanto, Crisóstomo responde, comentando sobre aquele mesmo texto de João: Para que não se contaminassem, etc.: “O que isso significa, senão que eles comeram a Páscoa em outro dia e quebraram a lei para que pudessem cumprir o desejo mais perverso de sua alma na morte de Cristo; Cristo, no entanto, não transgrediu a Quinta-feira Santa na semana pascal, mas naquele dia ele comeu a Páscoa.”

Mas como isso não é certo, seria melhor dizer que, como o Senhor ordena em Êxodo 12:18-19, a festa dos pães ázimos foi observada ao longo de sete dias, dos quais o primeiro dia, ou seja, o décimo quinto dia do mês, era mais santo e mais solene do que os outros. Mas porque entre os judeus as festas solenes começavam a ser celebradas na noite anterior, o pão ázimo começou a ser comido no décimo quarto dia à noite e foi comido durante os sete dias seguintes. É por isso que se diz no mesmo capítulo: No primeiro mês, no décimo quarto dia do mês à noite, comereis o pão ázimo, até o vigésimo primeiro dia do mês à noite; por sete dias não se encontrará fermento em suas casas. E no mesmo décimo quarto dia à noite o cordeiro pascal foi sacrificado.

Portanto, o primeiro dia dos pães ázimos é chamado pelos três Evangelistas, Mateus 26:17; Marcos 14:12; e Lucas 22:7, o décimo quarto dia do mês, porque à noite o pão ázimo foi comido e depois a Páscoa, isto é, o cordeiro pascal foi sacrificado. E, de acordo com João 13:1, isso foi antes da festa da Páscoa, ou seja, antes do décimo quinto dia do mês, porque este era o dia mais solene em que os judeus desejavam comer a Páscoa, isto é, o pão pascal ázimo, bem como o cordeiro pascal. Assim, não havendo discordância entre os Evangelistas, é claro que Cristo consagrou seu corpo com pão ázimo na ceia.

Claramente, também, isso é mais adequado para a pureza do Corpo místico, isto é, a Igreja, tipificada neste sacramento. Portanto, Gregório Nazianzeno diz em seu sermão sobre a festa da Páscoa do Senhor: “Vamos celebrar uma festa ao Senhor com júbilo, não no fermento da malícia e da maldade, mas no pão ázimo da sinceridade e da pureza (1 Cor. 5:8).”

No entanto, não queremos dizer com isso que o sacramento não possa ser confeccionado usando pão fermentado. Pois o Papa Gregório diz em seu Registro: “A Igreja Romana oferece pão ázimo porque o Verbo do Pai tomou carne sem qualquer mistura carnal; mas outras Igrejas oferecem pão fermentado porque o Verbo do Pai está revestido de carne e é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Assim, também, o fermento é misturado com a farinha e isso se torna o verdadeiro corpo de nosso Senhor Jesus Cristo.”

PARTE II

CAPÍTULO 40: Que existe um purgatório onde as almas são purificadas de pecados não purificados na vida presente

O poder deste sacramento, no entanto, é diminuído por aqueles que negam a existência de um purgatório após a morte; pois nas almas no purgatório é conferida uma cura especial por este sacramento. Pois Gregório de Nissa, em seu sermão sobre os mortos, diz: “Se alguém em sua vida frágil não foi capaz de se purificar do pecado, após partir daqui, pelo fogo ardente do purgatório, a penalidade é paga mais rapidamente, quanto mais a sempre fiel Noiva oferece ao seu Esposo, em memória de sua paixão, dons e holocaustos em nome dos filhos que ela gerou para aquele Esposo por palavra e sacramento; assim como pregamos em fidelidade a esta verdade dogmática, assim acreditamos.”

Da mesma forma, Teodoreto, Bispo de Cirro, comentando sobre a passagem de 1 Coríntios 3:11: Se a obra de alguém se queimar, etc., diz assim: “O Apóstolo afirma que alguém é salvo assim como através de um fogo ardente, purificando tudo o que se acumulou através da negligência na atividade da vida, ou pelo menos do pó dos pés da vida terrena. Neste fogo, alguém permanece enquanto quaisquer afeições terrenas e corporais estão sendo purgadas. Pois por tal pessoa a santa Mãe Igreja paga e devotamente oferece ofertas de paz, e assim através disso tal pessoa emergindo limpa e pura assiste imaculada diante dos olhos mais puros do Senhor dos exércitos.”

PARTE II

EPÍLOGO

Santíssimo Padre, estes são os pontos que, a seu comando, extraí dos textos dos Doutores Gregos, tanto para serem esclarecidos quanto para serem citados em confirmação da verdadeira fé. Espalhados, no entanto, entre as autoridades mencionadas, estão várias interpretações inadequadas, como quando o tradutor traduz “logos” quase sempre como “sermo mentalis” (discurso mental), enquanto, em conformidade com o uso latino, deveria ter sido mais apropriadamente traduzido como: “verbum” (palavra). E “hypostasis” ele traduz como “pessoa essencial”, e seguindo esta interpretação ele é forçado às vezes a usar frases infelizes como quando diz: “Deus Trinipostatos” (Deus-tri-postático), ou seja, tripessoal por essência. Agora, é absolutamente errado dizer que Deus é triúno por essência. Bastaria traduzir “hypostasis” como “pessoa”; pois usamos o termo pessoa na profissão de fé onde os gregos usam o termo hypostasis, como diz Agostinho, mesmo que a maneira de significar de cada termo não seja idêntica.

Ele também introduz certos elogios aos santos Padres que os elevam acima do nível de meros homens; ele chama alguns deles de “pais da fé”, algo exclusivo a Cristo, de quem segundo o Apóstolo em Hebreus 2:3 a fé tem sua origem. Outros, no entanto, podem ser chamados de mestres ou expositores da fé, mas não seus pais.

Ele também cita no início deste livro certos textos das Sagradas Escrituras que, por si mesmos, não provam expressamente a procissão do Espírito Santo do Filho, tais como: o Espírito do Senhor pairava sobre as águas (Gên. 1:2); ou: Eu sou o Deus de Abraão, etc. (Êxodo 3:6).

Ele também usa certas expressões que encontra nos textos dos santos Padres, que, como observado acima, devem ser interpretadas reverentemente nas declarações dos Padres, em vez de serem citadas por outros; por exemplo, que há em Deus um primeiro, segundo, terceiro; uma causa e um causado.

Em suas próprias explicações também ele usa palavras inadequadamente e de forma imprópria, como quando diz que o Filho tem uma espécie de propriedade gêmea, subalternada por assim dizer em termos de predicação. Ele é primeiro ao Pai como sujeito ao predicado e depois ao Espírito Santo como predicado ao sujeito, o que é absolutamente errado.

Ele também diz que, em grego, imagem significa o mesmo que segunda entidade, uma frase absolutamente inepta. Ele também diz que a palavra imagem não implica origem, o que contradiz o que Agostinho diz no livro sobre as 83 questões.

Talvez haja outros pontos no livro citado acima que poderiam ser considerados duvidosos e precisariam de esclarecimento, ou que poderiam ser úteis para afirmar a fé. Mas quase todos eles podem ser reduzidos, acredito eu, aos pontos apresentados acima.